

Fernando Magalhães

*Resumo Biográfico
coligido por sua filha
Lúcia Magalhães*



1944



Herbert M. Wallace

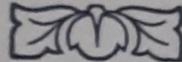
(Faint, illegible text)

Fernando Magalhães

Resumo Biográfico

coligido por sua filha

Lúcia Magalhães



Para Aguiar e Nande
este livro que per-
tence a seu bisavô
e sobre o qual deves-
te caído muitas lágr-
mas, para que você

Este exemplar pertence a

Deza de Andrade Magalhães

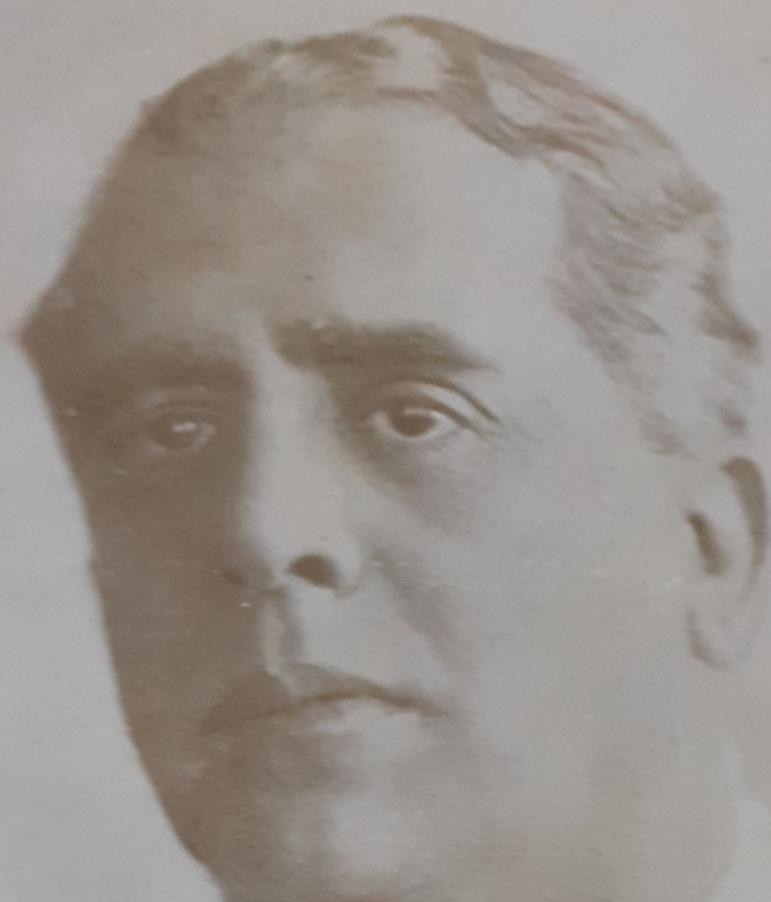
conheciam melhor o
grande homem que foi
seu bisavô e se
honrou de ter o seu
sangue.

ESTA EDIÇÃO É DE 500
EXEMPLARES FÓRA DE
COMÉRCIO

No centenário do seu nascimento

18.2.1978

Luciano Magalhães



Luca Tommalia

Commissioner
State Police

ESTE LIVRO, PAPAI, É TODO SEU,
DE MEU, SÓ A SAÚDE.

Janeiro - Fevereiro 1944

FERNANDO MAGALHÃES



INFÂNCIA calma de menino modesto, filho de gente simples. O bairro popular de Paula Matos viu nascer, a 18 de Fevereiro de 1878, mais um menino, Fernando, o segundo na casa do nego-

ciante Joaquim Antônio Ribeiro de Magalhães, português radicado no Brasil desde muito novo e casado com uma brasileira, D. Deolinda Augusta Santos Ribeiro de Magalhães.

Casa simples, mas de relativa abastança. Não faltou aos meninos Magalhães o amparo material e "o coração materno vigilante, a mão paterna protetora, prepararam-lhes o calor e o abrigo; o calor deu-lhes a vida, o abrigo deu-lhes a tranqüilidade. 1

A modéstia da origem compensava-se pela firmeza dos princípios: "não é preciso possuir linhagem para venerar os que se foram: também há fidalguias obscuras na estirpe dos anônimos e valem mais do que avós brazonados as virtudes remotas que ornaram a heráldica dos sentimentos." 2 A casa paterna e seus íntimos seriam sempre lembrados com reverência: "Dois amigos, orfãos dos mesmos cuidados, vindos das mesmas plagas, companheiros do mesmo destino, afeiçoados para sempre na faina honrada, solidários na dureza da mocidade desprovida, meu pai e Nicolau Alves, fundadores e proprietários da então Livraria Nicolau Alves, prosperavam vagarosamente de lucros modestos." 3 "Aquela livraria — reunindo diaria-

mente os nomes de melhor posto no mestrado e no profissionalismo de todas as letras, é uma das raras recordações da minha infância desinteressante." 4

Desinteressante porque singela e, desde logo, intensamente ocupado pela ânsia do saber. Incentiva-lhe o gosto natural a severidade da mãe, que desviara da lida comercial os filhos que queria vêr "doutores". O pai, "desinteressado e sensível" 5 cedo se afastara do negócio para também "desvelar-se pelos dois filhos". 6 Certos episódios marcam, todavia, dentro da monotonia dos dias da infância.

O Colégio Pedro II devia desde cedo iniciar-lhe a formação intelectual. "Esse colégio foi, por circunstância histórica, talvez o maior formador do meu caráter. Contarei a lição de um dia que, por fim, pode ser a lição de uma existência:

"O dia 15 de Novembro de 1889 amanhecera enevoadado e vago: a alvorada da República foi indecisa e triste. Na inseqüência dos meus onze anos, seguindo indiferente a monotonia das aulas, não deixou de rebater como uma surpresa feliz a notícia de, por impedido o trânsito, não haver certamente naquela dia possibilidade de se atravessar o Campo de Sant'Ana, ocupado de tropa estendida e de povo receioso. Na grande praça tudo era tranqüilo: nem a gente ávida, nem a soldadesca inerte talvez explicassem bem o razão daquele aparato aguerrido, mas silencioso. Subí pelas grades do jardim para vencer o anteparo dos mais altos e pude apreciar o momento histórico em que um troço de cavaleiros fardados agitava os quepes para um entusiasmo próximo, de reduzida repercussão. Depois, um ou outro toque de clarim; êste ou aquele figurão que superiormente chegava à entrada do quartel; o mistério das janelas mudas e enfileiradas do grande casarão; o tropel das cavalgadas reduzidas, diligentes e rápidas; a displicência dos batalhões desalinhadados, a esquiva curiosidade dos homens surpresos. Para mim, o acontecimento fôra memorável: numa época de

descanso quase exclusivamente dominical, aparecia um momento imprevisto de folga. E quando voltei à tranqüillidade de minha casa é que soube ter testemunhado a transformação republicana do Brasil. Não escondo a significação que o vocábulo político teve para meu espírito de menino: a República libertara-me de um dia de lições enfadonhas e eu fui, de pronto, convictamente republicano.

"No dia seguinte, os jornais completaram a minha instrução. O Brasil era república e Pedro II não mais o governava. Dispondo de um convívio reduzido, de poucos indivíduos me havia, até então, aproximado: os amigos escassos da minha casa, os moradores transitórios da minha rua, os companheiros recentes de minha classe e os professores severos do meu colégio.

"O Colégio chamava-se de D. Pedro II. Daí ser a fisionomia do Imperador uma das do meu maior conhecimento. Do alto da minha janela, a pique sôbre a beirada do morro, gozava-se um trecho de rua movimentada: por aí habitualmente passava um coche precedido de um batedor, servido de trintanários surrados, conduzindo sem séquito um ancião pensativo. Mal lhe via as longas barbas brancas, alvejando na penumbra interna da carruagem, na inconsciência contaminada da minha garotice dava o sinal de novidade, gritando a apóstrofe do tempo: Lá vai o Pedro banana! — Certamente não compreendia o valor da alcunha, que hoje recordo como uma consagração, mas tampouco a tinha por pejorativa, porquanto entre os meninos da minha camaradagem, também a mereciam os mais condescendentes, os mais tranqüilos, os mais brandos e os mais sizudos. De perto, pude ver muitas vezes o Imperador. No Colégio, súbitamente, a sineta — batendo o toque simples do início da aula e dobrado do fim do recreio — entrava a bimbalar repetidamente, num aviso de festa. Já se sabia: era a visita de D. Pedro II. Êle a fazia freqüentemente, corria todas as aulas, subia ao estrado do professor, sentava-se na cadeira ao lado e entra-

va a questionar os meninos, como um mestre cuidadoso e paciente!

"Tenho na memória a sua lembrança, tanto me impressionou a beleza singular daquele velho, plácido e corpulento, um grande corpo que as pernas já vacilavam em carregar, uns olhos que o tempo se comprazia em azular cada vez mais na suavidade, uma fronte larga e polida, barbas brancas de santo, rosto feliz de abnegado, atitude tranqüila de justo, vulto inconfundível de nobre.

"De um momento para outro, desaparecia da minha vida estreita aquela larguíssima figura." 7

Continuava a vida escolar, severa e curiosa. Aprimoravam-se as bases da cultura: era "um grande grupo no destaque, decididos todos na coesão e na independência": na comemoração solene do centenário de Colégio, em 1937, devia Fernando Magalhães evocar a plêiade ilustre: Luis Cantanhede, professor e diretor da Escola Politécnica; Luis de Souza Dantas, brilhante embaixador; Cezar Rabelo, notável engenheiro e industrial, Vicente Pirigibe, jurisconsulto respeitado, e até um príncipe, Dom Luís, 2.º neto do Imperador.

Essa a turma de escol que, em 1891, recebia no tradicional Colégio a láurea de Bacharel, título que Fernando Magalhães relembriaria por tôda a vida com especial carinho.

Cedo marcou-se-lhe a vocação para a medicina. Nenhuma hesitação no rapaz de 15 anos que, em 1893, transpunha os umbrais da velha Faculdade de Medicina.

Entrava na vida profissional "com a segurança de uma unção vocativa." 9

"Vocação que impõe o sacrifício e o desprendimento. Arte longa, tão longa quanto a humanidade sofredora." 10
Ao começar-lhe o aprendizado, recebeu "o que se tinha por certo ou provável nos domínios da arte, tudo representando a colaboração venerável e pertinaz de muitas idades, construindo idéias em cujos escombros novas teorias se levantam. 11 Leu cuidadosamente "a tradição dessa

arte"; ¹² aprendeu "a respeitar a grande obra coletiva que é na história humana, a tarefa ininterrupta de vencer o mal: doutrinas e princípios que a imaginação criou e o sofrimento repeliu; práticas e regras que a razão supõe intangíveis e a moléstia prova insubsistentes; idéias e teorias que a vontade acredita vitoriosas e a eternidade da dor afirma insignificantes; opiniões e leis que a vaidade supõe como infalíveis e o tempo afasta como inúteis, escolas e dogmas que surgem dominadores e que desaparecem mais rapidamente do que a fama de uma geração." ¹³

Assim se iniciava a aprendizagem do ofício que tanto enobreceu. Ia recebê-la naquela "casa velha, monótona, larga, de soturno recolhimento, sem pompas, pobre como uma antiquilha, grave como uma relíquia. Lá dentro, porém, uma génese — uma tradição que se perpetuava, uma esperança que prometia..." ¹⁴

Relembrando os mestres, Fernando Magalhães se assombra ainda, em 1926, com a variedade nos tipos de alto relevo: "Pizarro, o brilhante filósofo da biologia; Martins Teixeira, condoreiro e pródigo, ensinava o arrebatamento; Freire, sisudo e sábio, era o ocaso de um sol. Francisco de Castro, estranho pegureiro de uma caravana, pregava fulgurações e doutrinava maravilhas; João Paulo, uma fecunda mocidade culta, amadureceu prococe e prodigiosamente na experimentação e no estudo; Cipriano, austero na erudição, honesto no conceito, imaculado na forma. Benício, depositário revoltado de um nome luminoso, espírito formoso e cultíssima bondade, era um desses troncos bracejantes de fronde, tronco outoniço cujas folhas amarelecidas, caindo em derredor, espalhavam prenúncios de saúde; Barata, uma constelação, levando o verbo até o infinito de sua fantasia; Souza Lima, inovador e pontífice na sua disciplina; Nuno de Andrade, gênio e coração, pensador e vidente, personificação lídima da eloqüência, elevado, subtil, fidalgo, argumentador invulnerável, de todos o iluminado, portentoso na compreensão, milagroso na ideação, sobre-humano na revelação..."

"Então, eram as coisas inferiores aos homens: triste época em que os homens devem ser menos que as coisas..." 15

Como não hesitara na escolha da carreira médica, tampouco hesitou Fernando Magalhães na escolha da especialidade em que tanto se devia agigantar. Desde 1897, ainda no 4.º ano da Faculdade, já a revista do Grêmio dos Internos dos Hospitais publicava o primeiro trabalho firmado por quem viria a ser o chefe da Escola Obstétrica no Brasil: "Parto prematuro provocado" é o título dessa monografia, à qual se deveriam seguir centenas de outras, sempre dentro da mesma especialidade. Nenhum momento sequer afastou-se Fernando Magalhães da Obstetrícia, arte e sacerdócio. Coube a Feijó Filho a iniciação primeira; não a deu todavia sinão como a podia dar pois: "não lhe passava pela idéia fornecer instrução imediata aos que o cercavam: quem quizesse, por si, fôsse formando raciocínio e armazenando fatos, aplicando a observação para aprender o interessante ensinamento daquele exemplo mudo." 16

"Tanto tempo a seu lado, seu interno e assistente, ainda sinto as suas excelentes qualidades inesquecíveis e não me recordo mais dos seus raros defeitos. Tampouco lamento a sua indiferença pela instrução alheia: a isto devo a liberdade que sempre tive, sem idéias preconcebidas e erros emprestados, de seguir por mim o caminho que a curiosidade me apontou e o estímulo me tem feito percorrer." 17

Afirmava-se assim, livre de qualquer peia, a personalidade de Fernando Magalhães, cujo gênio deveria criar no Brasil a Escola Obstétrica, que a diminuta influência de Feijó Filho sôbre os seus alunos não soubera implantar.

Fernando Magalhães é, assim, na obstetrícia brasileira, um precursor e um criador. E como sentisse o êrro do seu primeiro mestre na arte, tôda a sua vida teve a preocupação docente por uma das principais, transmitindo e espalhando os ensinamentos havidos da sua vasta expe-

riência, da sua genial intuição e da sua técnica aprimorada. Todos os seus trabalhos médicos, desde o início da vida profissional, foram em tórno da mesma especialidade: sente-se a vontade firme caminhando sem hesitações na trilha que a vocação traçara.

Em 1899, recebe o grau de doutor em medicina. Com a responsabilidade profissional, assume também a de chefe de família. No lar respeitado e fidalgo de um dos seus mestres daquele a quem chamaria "génio e coração" — Nuno de Andrade, foi buscar a companheira da sua vida, por quem conservaria, até o fim, o "amor cheio de viço, embora os anos o tivessem desafiado, o velho amor que não envelhece, que não tem idade, nem mofa, nem fastio, que não lamenta a cor fugitiva de um cabelo, a luz murcha de um olhar, o tom desmaiado de uma voz; amor único, senhor de todos os enganos e tôdas as ameaças, cristalizado na fidelidade, alentado na complacência, aliviando na luta, recordando na paz, enternecendo na mágoa"... 18

E logo a benção da primeira filha, seguida de duas outras. A sua casa "era a casa do sossêgo. Nela entravam o sol e alegria." 19

E também, quase simultânea ao fim do curso médico, a preocupação de ensinar e de transmitir: vinte anos mais tarde, investido efetivamente na cátedra, dizia: "Foi esta cadeira o rumo tantas vezes atormentado da minha mocidade e porque o percorri galardoado, cabe-me agradecer o prêmio da minha tenacidade ao favor que aqui me trouxe. É um dever, em momento semelhante, apresentar credenciais. Não as tenho fora da vontade firme com que andei o caminho percorrido, desde que o acaso pródigo deu-me a oportunidade de ocupar transitòriamente, mal liberto dos estudos acadêmicos, a cátedra que hoje tanto me dignifica. Revendo êsse tempo, lamento a ousadia dos meus 22 anos desafiando o castigo da audácia de me investir, desapercibido e anônimo, em função que me não competia. Ainda tremo, nesta evocação, do desastre que

arrisquei, mas bemdigo a inconsciência que inflamou a minha ambição porque, descido da altura descabida, guardei a imagem do deslumbramento e consolei minha obscuridade com a decisão de merecer o prêmio dos meus desejos".²⁰

Sobravam-lhe os lazeres para o estudo que aprofundava e aprimorava. Em Petrópolis, na velha mansão da família, dedicava-se quase exclusivamente a ler e a produzir. Neste período de intensa preparação intelectual, foi buscá-lo a angústia de um amigo injustamente acusado de crime nefando. Fernando Magalhães ouviu a narração dos antecedentes do caso que empolgava a opinião pública e, ansioso por convencer-se da inocência do amigo, durante quase um mês fechou-se em seu gabinete de trabalho, estudando a fundo as peças do rumoroso processo. Certo então da injustiça da acusação, aceita a defesa médico-legal de João Gomes Neto, acusado de uxoricídio.

"Minha defesa é espontânea e independente. À acusação ouvida, qualquer poderia increpar a suspeição de uma obediência às imposições do cargo, uma impossibilidade de escapar às torturas do ofício. Mas a mim, que não tenho ambições na vida jurídica, que não sou solicitado pelo interesse, que abandono as minhas ocupações e que arrostado talvez a maledicência, a mim ninguém poderá negar a fôrça das minhas convicções." ²¹

E, pela primeira vez, os jornais do Brasil encheram as suas colunas com o nome de Fernando Magalhães, jovem tribuno que impressionava tanto pela beleza física como pela eloquência arrebatadora e que, embrenhando-se resolutamente por um terreno que não era o seu, fê-lo de modo a surpreender tanto os velhos juristas como todo o público que se apaixonara pela causa. A defesa fundamentada e brilhante que produziu durou mais de 8 horas:

"Pela prova que eu acredito ter anulado, sem buscar artifícios nem retorcer textos, sem arquitetar sofismas nem prescrutar pensamentos, sem levantar suposições nem ima-

ginar corolários, sem instituir raciocínios falsos, nem pavonear uma autoridade postiça, mas com convicção, com certeza, com estudo, com fatos e — o que é mais — com consciência — pela prova — eu espero que vós sabereis guardar os interesses da lei e os direitos da coletividade. Pela prova que derruio e que nenhum homem de bôa fé poderá asseverar que existe, pela insubsistência da acusação, pela incerteza que tinheis do crime; pela dúvida que enegrecia o vosso espírito e que eu creio ter afastado; pela certeza que julgo ter creado em vossa inteligência da inanidade do fato; pela abundância de elementos que demonstram oporem-se a ciência e a lei à corporificação do crime; pela autoridade dos que apoiam a minha convicção, pela prova — eu espero que vós sabereis conhecer os protestos da inocência e castigar as audácias da tirania. E pela consciência — que vós tendes, e que vos deve fazer impecáveis, justos e puros, porque, no dizer do grande S. Paulo “quando julgais os outros condenais a vós mesmos”, pela consciência eu tenho a fé inabalável que vós afirmareis a insuficiência do delito e a inocência do acusado.” 22

E, arrancando finalmente dos jurados a absolvição do seu amigo, Fernando Magalhães termina carregado em triunfo pela multidão entusiasmada, cuja admiração exaltada chegou mesmo a romper a beca doutoral que, por empréstimo do seu velho amigo e professor Souza Lima, vestira para defender o colega. Foi esta a sua única digressão médica fora dos domínios da obstetrícia. Relembrando-a, diria mais tarde: “Certa ocasião, fizera eu uma incursão palavrosa pelos domínios do processo criminal. E isto bastou ao legislador para me conceder a reputação do legista-mestre. Um dia de exaltação verbal valia mais que onze anos de ocupação conciente e tenaz.” 23

Desde 1901, com efeito “quando o professorado livre da Faculdade não importava às atividades profissionais, sem regalias, sem direitos, sem promessas, ao lado de poucos ensinadores, por dez anos tinha transmitido, livre

e gratuitamente, a ouvintes escassos e benévolo, as minhas aquisições na prática e no estudo da especialidade. Era moda por êsse tempo louvar-se o sistema germânico de constituição do magistério médico e, seguindo a previsão amiga de Francisco Fajardo, ao lado dos cursos organizei prova de ocupação doutrinária, colecionando escritos e observações." ²⁴

Em 1911, a Reforma Rivadávia afasta, porém, o jovem obstetra, cujo nome já se firmara, da cadeira que outros cubiçavam e, à guiza de compensação "brindam-no com o título imprevisto de professor extraordinário de medicina legal. Não era um favor, era uma condenação. Não consegui firmar então o direito de ser o que sempre quis ser. Aceitei a ordem injusta e esperei tranqüilo desvencilhar-me da emboscada". ²⁵ Mês depois, vagava o lugar de professor extraordinário de clínica obstétrica e a ele concorre Fernando Magalhães com títulos e trabalhos, prova de capacidade então exigida na lei. Vinte e dois professores subscrevem a indicação, o que vale dizer que chegou enfim ao posto desejado, depois de concurso e pelo voto da Congregação, o jovem professor de 33 anos, cuja decisão — tão firme como a vocação que a animava — multiplicava a produção, fruto de estudo constante e de observação apurada.

Já contava então 44 trabalhos publicados, duas memórias premiadas pela Academia Nacional de Medicina, várias monografias apresentadas ao Congresso Médico Americano e ao Congresso Médico de Montevideo.

Neste último (1907) devia o nome de Fernando Magalhães transpor pela primeira vez — e com que brilho — as fronteiras da pátria. Da sua atuação naquele Congresso guardaram todos a viva impressão que Pou y Orfila, 35 anos mais tarde assim lembraria:

"Tuvimos ocasion de conocerlo em nuestros años juveniles, em 1907, con motivo del Tercer Congreso Médico Latino-Americano celebrado en ese año en Montevideo, adonde vino integrando la brillante delegacion enviada a!

Uruguay por el Gobierno del Brasil. El magnífico discurso, verdadeiro himno al "latino-americanismo" que, en nombre de la delegación de su país, pronunció Magalhães en la sesión inaugural de dicho Congreso, causó honda impresión en el auditorio, no sólo por el entusiasmo con que fué pronunciado, y por la simpática, atrayente y juvenil figura del orador, sino, sobre todo, por la nobleza de su fondo. Magalhães fué objeto de una ovación triunfal. En las personas que oyeron aquella brillantísima oración, su recuerdo perdura todavía, intenso e indeleble."

De volta ao Brasil, festejado e respeitado, obtem do Governo uma comissão à Europa, velha aspiração que lhe permitiria ver de perto os grandes mestres da especialidade. Passa quase dois anos em Viena e lá assenhorea-se cada vez mais da técnica perfeita da sua arte. E é com novo ardor que recomeça a sua função docente, ávido por transmitir os conhecimentos e por formar um núcleo de discípulos.

Já então lhe nascera o filho varão, estremecido e esperado, herdeiro do nome do avô e depositário do seu próprio, futuro discípulo e continuador da sua obra. Continua o intenso aperfeiçoamento da qual nada o afasta: o estudo enche-lhe as noites calmas e o trabalho de cada dia lustra-lhe os dias felizes: "Aguça o teu entendimento, longe do efêmero, e poderosa será a tua idéia. Reflete e sonha: si a lida caleja os dedos, a meditação clareia o espírito." 26

Resumo de uma norma vivida intensa e conscientemente. Entre a clínica, que já se avolumava, e o estudo indispensável ao exercício da função docente, da qual nunca se afastava, passavam-se os anos. E sempre a mesma fidelidade à vocação, a mesma firmeza no rumo escolhido: por várias vezes recusa posições lucrativas mas estranhas à sua arte. Dela jamais o afastou nem mesmo o fundo afeto e a segura amizade que o prendiam ao sogro, então diretor da Saúde Pública, onde mais de uma vez o desejou a seu lado em lugar de confiança. Fernando

Magalhães era obstetra e professor de obstetrícia: nenhum outro ramo da medicina o afastaria da sua escolha primeira, nunca desmentida.

Professor substituto, desde 1911, é de fato o detentor da cadeira: o impedimento continuado do catedrático Erico Coelho e a devoção de professar davam-lhe o magistério efetivo.

Ingressava na Faculdade, como substituto, num período turbulento. A Reforma Rivadávia chegava depois de uma era de intensa agitação nos meios médicos, que preparavam um profundo movimento de transformação da Faculdade. "Não se tratava de um conluio escuso contra uma corporação constituída. Quando o embate se fez, mais em torno das idéias do que dos indivíduos, não mereciam censura os reclamantes contra o descalabro do ensino médico." ²⁷ O grupo que, com Fernando Magalhães, se tornou evidente na luta, onde brilharam Diógenes Sampaio, "o florão dessa empreza cultural", ²⁸ Bruno Lobo, Pinheiro Guimarães, Alvaro Osório, e outros, todos desenvolvendo acentuada atividade docente e propagandista, denominara-se por gracejo a "Mão Negra" e congregava-se em torno da figura inconfundível do "velho Hilário", como chamavam carinhosamente à personalidade robusta de Hilário de Gouvêa.

A reforma, porém, fôra uma decepção. Imbuira-na de positivismo extremado a convicção arraigada do seu autor, e os princípios universitários que Hilário de Gouvêa trouxera da Europa foram confundidos numa lamentável heterogeneidade que acabou gerando — no ensino médico como nos demais — o mais lamentável caos.

Não se perturba, todavia, com o fato, a ação docente de Fernando Magalhães. E juntamente com ela — e como corolário natural à sua especialidade — começam os primeiros embates em prol da assistência pre-natal e materna:

"Não podereis calcular", dizia em 1913 na Associação Brasileira de Estudantes, "vós que não tendes a oportu-

nidade de exercer a medicina, como se passam na casa do necessitado os episódios da maternidade. O fruto humano evolue, definha ou prospera dentro do ventre materno ao sabor do acaso, nas condições precaríssimas da moléstia e da indigência. A puericultura defeituosa acabará fatalmente no preparo de uma raça frágil e mórbida, que paga à morte o tributo pesado no momento de sua eclosão, ou que não consegue vencer os primeiros obstáculos da vida. Depois, a mulher mãe, sem recurso e sem arrimo, atravessa heroicamente, ao desamparo de qualquer confôrto material e à revelia de qualquer socorro médico, as angústias da parturição dolorosa. E' cruciante assistir então ao epílogo magestoso dessas maternidades trágicas, quando a caridade pública alberga as pobres mulheres, mártires da sua miséria, no crepúsculo de uma vida ridente, compondo o último ato da existência torturada naquele cenário sobre-humano, onde se ouvem ao mesmo tempo as plangências do "De Profundis" e as suavidades dos cânticos de Natal." 29

"Nada de organizado existe ainda entre nós capaz de proporcionar à mulher necessitada um pouco de proteção". — "A proteção à mulher grávida ainda é, entre nós, uma aspiração: urge executá-la com um vasto programa de defesa da maternidade." — "Cumprir legislar sôbre o trabalho, impondo o repouso ante e post-partum, determinando a indenização garantida pelas caixas e pelas mutualidades maternas e se, porventura, os defensores teóricos de uma suposta liberdade cerceada tentarem embargar a ação protetora, que se lhes ensine a sentença de Waddington: quando se trata de fôrças vivas da nação, é para o legislador não só um direito, como um dever, intervir e tomar, mesmo à custa de interesses particulares, as disposições necessárias." — "Imprescindível e inadiável é a criação do serviço de assistência à mulher mãe, desde já representada pela construção de maternidades em pontos diversos do Rio de Janeiro." 30

Repetem-se as apóstrofes, as advertências, as moções ao govêrno, no trabalho de propagar e implantar a idéia da necessidade do amparo à maternidade, chamando para ela a atenção dos poderes públicos e a generosidade da iniciativa particular. O destemor marca as suas palavras:

"Só recentemente começa-se a compreender que não é desperdiçado, mas judaicamente empregado, o dinheiro oferecido à proteção do indivíduo. Entretanto, a espécie humana até agora não impressionou aos que se julgam políticos pelo seu valor, impondo a necessidade de um amparo qualquer. Enquanto jaz ao abandono o embrião da raça, base de sua vida e de sua glória, os governados, pelo menos, terão o consôlo e a vingança de apreciar a capacidade dos dirigentes pela desatenção que lhes merecem o indivíduo e o seu preparo."

"Já acusei, e renovo a crítica: os profissionais são culpados em parte da deficiência das instalações hospitalares, porquanto se eles reclamam, o fazem tímida e platônicamente, nunca ajudando, nem construindo, mesmo com dificuldade e pobreza, para evidenciar um esfôrço que é um protesto e um exemplo. E' urgente pugnar por uma legislação produtiva. A nação, pelos seus representantes, deve à maternidade leis de segurança." 31

Essas idéias deviam se corporificar em realidade, assim que o permitisse a oportunidade de uma amizade sólida com o então presidente Wencesláu Braz. O ano de 1918 marca a trágica epidemia da gripe. "Não deve ser caridoso recordar o que foi aquela calamidade: os primeiros caídos súbitamente, como soprados pela moléstia, a indiferença e o bom humor com que, a princípio, foi recebido o mal incógnito e mortífero; a sua cruel vingança pela preterição protocolar dos moldes habituais de acolhimento a hóspedes de igual estirpe; uma população extensa sucumbindo ao sofrimento vasto; um grande pânico a despoavar uma cidade enorme; a desenvoltura da morte colhendo na robustez e na mocidade a sua melhor messe; o terror do são, o desamparo do doente e o abandono do

morto; a alegria a fugir, apavorada, vencida pela tristeza dominadora; o atropêlo, a fome e a miséria ;o mal coletivo abafando a solidariedade; um povo exposto à doença ciclônica no vasto deserto de sua desgraça; a história cruciante do vivo morrendo sem socorro e a narração macabra do morto a se putrefazer na promiscuidade. Nada disso é preciso relembrar, tanto já se desvaneceu tudo no ruído e na agitação." 32

Naquele período trágico, que assim relembraria mais tarde, Fernando Magalhães teve atuação destacada. Gozando da confiança e da amizade pessoal do presidente Wenceslau Braz, dele recebeu a incumbência de organizar, na terrível emergência, a defesa da cidade e a assistência a seus habitantes. Coube-lhe, juntamente com Carlos Chagas, instalar de urgência centenas de postos de hospitalização para os milhares de doentes que a epidemia ceifava. Com os amplos poderes que recebera, percorre de ponta a ponta o Rio de Janeiro, instala postos e hospitais desde os mais longínquos subúrbios. Da manhã à noite, distribúe medicamentos, inspeciona enfermarias e provê ao abastecimento dos hospitais. De avental branco, num automóvel onde a bandeira simbólica da Cruz Vermelha atraía todos os necessitados, multiplica-se numa atividade incansável, que vai das primeiras luzes da madrugada até altas horas da noite. Não lhe sobra nem tempo para atender à moléstia, felizmente benigna, que também lhe entrara em casa: lá o velho sogro desdobrava-se em desvelo pelos netos enfermos e pelos empregados abatidos.

Passada a réfrega, pensa então em pedir ao govêrno a paga dos seus serviços. Num velho casarão da Avenida Venezuela, até então ocupado por repartição alfandegária, havia sido instalado um dos muitos hospitais de emergência que a epidemia exigira. Aquele prédio seria a recompensa que Wenceslau Braz daria ao seu amigo, permitindo-lhe que nele instalasse a maternidade com que tanto de-

sejava fossem materializadas as suas idéias de assistência à mulher grávida. E' a Pro-Matre que surge.

Um grupo de senhoras abnegadas, à cuja frente se encontrava D. Stela Guerra Duval, interessa-se pela iniciativa. Foi fácil a Fernando Magalhães contagiá-las com o seu entusiasmo criador, e a "Associação Pro-Matre" nasce então e inicia a sua grande obra de benemerência. E lá, por 25 anos, na "casa que êle criou, Fernando Magalhães amparou os desvalidos, pregou aos moços, serviu ao Brasil." (J. M. Moniz de Aragão).

"Não alardeio serviços, pois sou o primeiro a não os ver ainda. O que me tem sido dado obter em favor da maternidade pobre aceita-se por ser o esforço isolado, o trabalho pessoal, rudimentar e tosco, donde resultou uma pequena iniciativa, que só serve para justificar as vantagens a vir de uma conjugação de todas as vontades convocadas."

"No dia em que pude corporificar, embora simplesmente o meu sentimento de piedade e o meu entusiasmo patriótico pelas que concebem e pelos que nascem na desgraça, pedi ao coração que me ditasse uma máxima significativa, capaz de traduzir a vibração do meu orgulho e o alcance do meu desejo. Compreendí, então, a incapacidade de se exteriorizar o que está acima dos atributos humanos e sentí o dever de concitar a colaboração de novas fôrças criadoras."

"Por isso, fui tirar da prece oferecida à maternidade divina a invocação à misericórdia e ao desvelo de tôda a gente e, como um remate compensador do pouco que se pudera do muito que se quisera, ficou inscrita a legenda da esperança, de fraternidade e de gratidão: "Bendito é o ventre que frutifica". Para que o seja, não basta dizê-lo. Eu me permito esperar da piedade dos que me ouvem os votos de um amor extremo pelo mistério da vida invisível, de onde surgem, miraculosamente, como vagas intérminas e profundas de um oceano, as magníficas reservas do infinito." 33

Das palavras candentes e da ação decidida de Fernando Magalhães nasceu e tem vivido até hoje a Pro-Matre. Seu exemplo, como sua pregação, frutificaram: a assistência pre-natal e materna são hoje um fato insofismável na legislação e nas realizações assistenciais. A uma e outras está indissolúvelmente ligado o seu nome.

Tôda essa intensa atividade social não lhe perturba todavia a função docente da qual jamais se afasta, nem lhe diminui a produção: em 1919, novamente delegado do Brasil a um congresso médico em Montevideo, faz outra excursão vitoriosa pelas Repúblicas do Prata, em cujas Universidades professa, com altíssima ciência, sôbre assuntos de sua especialidade.

Conta então mais de cem trabalhos publicados, todos sôbre obstetrícia. Aproxima-se o centenário da Independência do Brasil: comemora-o com a publicação da sua obra histórica: "A Obstetrícia no Brasil", na qual estuda minudentemente a evolução da arte obstétrica desde os tempos coloniais.

"Recapitulando um passado que se perdia nas páginas esquecidas de livros e jornais já deslembrados, não tive outro intuito sinão, pensando nos cem anos da nossa independência, divulgar o que foi e é, no Brasil, a prática obstétrica, ramo da medicina onde só desejo ser um aprendiz antigo e tenaz." 34

E' um grande trabalho de pesquisa e de erudição que o leva a tôdas as bibliotecas do Rio e lhe permite relacionar cuidadosamente, tôda a bibliografia obstétrica nacional: dos 1.793 trabalhos publicados no Brasil de 1814 até 1922 sobre o assunto, quase a décima parte leva a assinatura de Fernando Magalhães.

Oferece o seu livro à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, "pela honra de me haver eleito um dos seus mestres, quando já me bastava a glória de ter sido um dos seus discípulos." 35

Alcançara, com efeito, no mesmo ano de 1922, o título de catedrático, "chegando à culminância que sempre fôra

a sua aspiração maior sem sentir o transbordamento das grandes alegrias." 36

"Meu único padrão de glória," diria em sua primeira aula de catedrático, "é a teimosia com que me propuz chegar onde cheguei. Não conheci outros fatores à minha carreira. Meu exemplo é singelo e monótono: é a história obscura de uma vontade fiel." 37

Vontade e coração que nunca fraquejaram, vontade que lhe intensificava cada vez mais a ação docente, sempre no intuito de transmitir conhecimentos "às gerações de discípulos recebidos no meu coração e nele mantendo a contínua crepitação do ideal. Entre gente nova, refeita ano a ano a meu lado, nunca fui sinão o convivente de todo o dia, mais graduado na faina apenas por mais antigo na lida." 38

Meses antes, abeirara-se da morte em grave acidente. "Se naquele instante fôsse por ela colhido", diria mais tarde, "nem a saberia, nem a temeria: — o acaso mergulhara-me na inconsciência. Mas quando, aos poucos, como de um alvorecer brumoso de inverno onde a treva mal diluída da madrugada parece continuar-se com a nevoa teimosa de um dia sem sol, ia eu volvendo ao rumor da vida, fui ainda favorecida pela tranqüilidade com que encarei a minha desfortuna. E ao dizerem-me a extraordinária manifestação de afeto que meus companheiros de lida souberam levar ao meu sofrimento, ao conhecer o quanto a minha existência periclitante preocupara a bondade e o sentimento de tanta gente, não foi pròpriamente a alegria de viver que eu sentí. Não foi o ter-me livrado da morte que me abrandou a recordação do perigo; não foi o quase renascer que enrijou as vacilações do convalescente: foi, sim, o ter compreendido que as simpatias, as ansiedades, os carinhos, as solitudes que adoçaram a minha desventura eram o confôrto trazido a quem, de súbito, fôra interrompido no firme propósito de viver a vida pela sua utilidade. Mais do que nunca, estou agora preso

ao meu voto, à minha decisão única, à minha vontade inabalável — a utilidade da vida." 39

"Na minha norma de viver, só tenho um pensamento — a utilidade da vida. Nunca me impulsionaram nem vaidades, nem interesses, nem despeitos, nem invejas. Se tenho lutado até ao máximo, se provoquei hostilidades, se criei desafetos, se conquistei maledicências, fi-lo sempre em cumprimento dêste programa — a utilidade da vida — onde o tropêço me anima, impulsiona-me o obstáculo, alenta-me a fadiga, dá-me coragem o inimigo, porque tudo me obriga à resolução do trabalho e ao desassombro da luta, na necessidade de impôr, para não ver vencida a idéia." 40

Pelas suas idéias, tôdas nobres e generosas, lutou sempre desassombradamente. Vale recordar, de passagem, a memorável polémica em torno dos processos de esterilização preconizados por Abel Parente, os vivos debates contra o abôrto e contra o divórcio ""que é contra a natureza"" ou as intermináveis campanhas em prol dos melhoramentos que reclama para as instalações da Maternidade.

Nunca fugiu à luta no terreno elevado das idéias e dos princípios: "Dizem-me querelante: é improcedente a acusação, revide natural à minha intransigência anacrônica, pagando o pecado de ter querido." 41 E foi tudo o que quis ser.

"Com ou sem vantagem, pouco importa, jamais fugi à regra absoluta das idéias culminando sobre os indivíduos, rumo que nem todos acatam; e como, na preocupação arrogante de se confundirem pessoas e princípios, nem sempre se adotam os princípios sãos, nada mais natural do que o tumulto das discórdias." 42

Bate-lhe à porta a clínica abundante e remuneradora: acolhe-a com o mesmo generoso desprendimento com que devia marcar todos os atos de sua vida.

Assiste-o um poder de diagnóstico quase miraculoso, firmado na mais segura observação e executado com a maior perícia. Fale uma testemunha:

"Minha filha abandona hoje a sua Pro-Matre. É chegado, pois, o momento de testemunhar-lhe os meus agradecimentos e a minha imperecível gratidão. Nesse lance terrível, em que a minha alma, e a dos meus, foi sujeita a uma prova acabrunhadora, sentí duas vezes a confirmação nítida da verdade que o nosso grande épico enunciou quando disse "que o coração presago nunca mente." Inspirado por êle, adivinhei a crise que lhe ameaçava a vida e, ainda inspirado por êle, escolhi o homem de grande coração, de grande inteligência e de grande habilidade técnica que a devia conjurar. Passada a réfrega, sinto-me jubiloso do desenlace e levanto as mãos agradecidas ao Destino bondoso que me restituiu a filha, fez-me apreciar de perto um talento brilhante e um extraordinário cirurgião, e apertou ainda mais os laços que instintivamente me prendiam a essa figura culminante de nossa cirurgia. Não esquecerei nunca o seu diagnóstico, formulado sem hesitações desde as primeiras horas, a persistência com que o defendeu e o modo surpreendente por que o confirmou. Serei uma testemunha fiel e indestrutível. Oxalá me seja também permitido lançar, como espero, por tôda a parte, o merecido pregão da sua vitória!

Creia-me sempre seu grande admirador e seu gratíssimo amigo (ass.) Tasso Fragoso."

Nas sociedades científicas a que pertence, assume a liderança pelo talento e pela ação: por várias vezes é presidente da Sociedade de Obstetrícia e outros. Em todos êstes postos, viveu e praticou o que preconiza na sua Cartilha de Probidade: "Dirigindo, dirige com obediência. A autoridade não inova, nem desmanda: a autoridade transmite. Acima do teu orgulho está a alma dos que deves conduzir; não te compete mandar, mas mover; o cabo de fôrça não inventa energia: recebe-a para distribuí-la pelo

mecanismo que se movimenta. Assim será a tua direção, guiada no amor à justiça e na integridade dos costumes. No alto posto de comando, não te julgues o cume inacessível e eterno: acima de ti está o julgamento da opinião." 43 — Essa, porém, consagra o seu nome: chefe incontestado da Escola obstétrica brasileira, é também por todos considerado o maior orador do Brasil.

Com êsses títulos, acenam-lhe com uma cadeira da Academia Brasileira. Candidato em 1924, vê-se todavia preterido em favor de Laudelino Freire. Em 1928, inscreve-se para a vaga aberta pela morte de Domício da Gama e é eleito para a cadeira 33. Em seu discurso de recepção, defende o critério dos expoentes no ilustre cenáculo e história com brilho como é "vezo secular, no Brasil, êsse de consorciar musas e males." "Por tudo isso, e sem maior escândalo para o desconchavo da grita, poderá dizer agora o expoente no seu arrazoado que, se a medicina foi entretenimento de deuses, distração de santos, trabalho de reis, ofício de sacerdotes, encargo de filósofos e cogitação de poetas, porque estranhar que médicos rotulados sejam letrados anônimos, tanto quanto vates olímpicos possam ser mezinheiros ocultos?" 44

"Não", responderia Medeiros e Albuquerque, "vós não sois apenas expoente disso ou daquilo. Sois o grande orador que vossos discursos revelam. Sois, sobretudo, isso sim — um magnífico expoente de talento aliado à fôrça de vontade. Sois e sereis sempre o que quiserdes ser. Quando eu evoco a vossa indomável energia, tenho quase o desejo de lembrar que, por acaso, a etimologia do vosso nome vai bem com o vosso temperamento. Porque, garantem os etimologistas, "Fernando" quer dizer "guerreiro audaz" e embora não tivésseis nunca empreendido façanhas belicosas, é de guerreiro audaz que tendes o temperamento.

"Entrais aqui como um grande e autêntico homem de letras, mas, sobretudo, como representante das belas letras que muitos consideram a mais difícil: a eloquência.

Professor, tendes a eloquência da cátedra; o dom não apenas de transmitir a vossos alunos as noções científicas, mas de dar-lhes com elas o amor, o entusiasmo pela ciência.

"Advogado, que um dia quisestes ser, soubestes tomar juiz e jurados, que eram claramente contrários a certo acusado, contra o qual se ia cometer uma iniquidade, e transformá-los.

"Conferencista, sabeis escolher qualquer assunto e forçar o auditório a partilhar os vossos sentimentos. Sabeis falar a doutos e a indoutos, a grandes assembléias da fina flor intelectual de nossa terra, e à pobre gente inculta com que lidais, no exercício da vossa profissão, nas grandes obras de assistência social que criastes e que dirigís.

"Por tudo isso, é como a um dos mais altos expoentes da mentalidade brasileira, sob as suas formas mais variadas, que nós vos recebemos com orgulho."

Dêsse orgulho sincero dar-lhe-iam prova os seus pares, elegendo-o, apenas passados dois anos, para o alto posto de Presidente da Academia. A êle voltaria mais duas vezes, sempre marcando a sua passagem pela presidência com iniciativas notáveis. Da primeira vez, é a estátua de Machado de Assis; das outras o intrépido e vitorioso trabalho em prol da unificação ortográfica.

E' intensa a sua atividade acadêmica. O sétimo centenário de São Francisco de Assis inspira-lhe uma grande página: "Nestes sete séculos, Irmão Francisco, a face da terra embutiu-se de opulências e de vícios, a civilização resplandeceu em magestades e males, viveram os homens na ambição e na guerra, medraram os povos no dinheiro e no sangue. Uma imensa treva, coriscada de crimes, é êsse longo tempo, surdo à tua voz que, moribunda, ainda cantava. Do teu mundo, larga e risonha planície, formosa de luz e de vida, umbrosa de teu porte mirrado, desta natureza que humanizaste, feliz e submissa, fraternal e amiga, criadora e jovial, mansa e protetora, o mundo dos passaros livres,

das feras complacentes, das árvores gazalhosas, das pedras brandas, da terra pródiga, só saberá quem conhecer a meditação e o recolhimento. Os homens, porém, Irmão Francisco, não ouviram as tuas preces, não aproveitaram da tua vida. Em setecentos anos, mataram, roubaram, mentiram, negaram a crença, perseguiram os inocentes, lisongearam os poderosos, abateram os fracos, coroaram os tiranos. E a tua renovação, "êsse novo pacto com o mundo" que não era a condenação de um estatuto monástico, mas o plano de uma democracia religiosa, onde o domínio e o ouro, realezas perpétuas, ofendem a lei divina, não pôde erguer a liberdade e a fraternidade, iluminadas na identificação de tôdas as tuas criaturas — o homem, a ave, a planta, a água e o fogo... Mas tu, que deves sentir o desvairamento universal, e que um dia fizeste parar o vôo das aves, calar o gorgueio dos passarinhos, abrir a inteligência dos peixes, compreender a castidade da água, sentir a doçura do fogo, florir a aridez do deserto, enternecer a dureza da rocha e trazer a fera brava ao convívio confiante dos homens assustados, tu, milionário, pobresinho de Deus, vem novamente, para junto dos espíritos transviados e das almas espavoridas e abre a clareira por onde vai o caminho da bemaventurança que nenhum chega a trilhar, porque todos o procuram e todos o desertam..." 45

Ele, porém, não o desertaria... Desde que a morte o roçara, em 1921, é marcante a sua aproximação das verdades eternas. Conservador por índole, místico por temperamento, muito pouco lhe faltava para se identificar inteiramente aos ideais cristãos. Esta marcha vai ser uma ascensão contínua, em todos os campos da sua atividade polimorfa.

Continua, com efeito, distribuindo-a por diversos setores: suas preocupações docentes levam-no a investigar as causas que dificultam a aprendizagem e, descendo das alturas do ensino superior, chega aos demais graus, cuja deficiência verifica. E começa então a estender o seu

apostolado a tôdas as questões educativas. Em 1924, é dos primeiros a seguir o idealismo construtor de Heitor Lira — que lhe fôra companheiro de infância e continuava amigo fiel — e que, para congregar esforços e vontades em tôrno do problema da educação nacional, fundara a Associação Brasileira de Educação "que viria a ser o maior centro de coordenação e de debates para estudo e solução dos problemas educacionais, ventilados por tôdas as formas, em inquéritos, em comunicados, à imprensa, em cursos de férias e nos congressos que promoveu nas capitais dos Estados." (F. de Azevedo).

Estes congressos são idéia e iniciativa de Fernando Magalhães. Em 1927, presidente da A.B.E., organiza a 1ª Conferência Nacional de Educação, reunida em Curitiba, à qual se seguiram, em 1928 e 1929, as de Belo Horizonte e São Paulo, ambas sob sua presidência e animados por seu entusiasmo contagiante e construtivo. Em tôdas elas, desposa nitidamente as convicções e os princípios católicos.

"Serva coelum", — guarda o céu, — "dirá êle da Associação Brasileira de Educação." O céu das nossas fantasias, o céu das nossas recordações, o céu dos nossos ideais, o céu das nossas crenças, turbado de nuvens ou inundado de sol, é sempre o mesmo céu, cobrindo tôdas as raças e tôdos os credos, com o mesmo mistério e as mesmas esperanças."

"A ABE não concebe o brasileiro como o melhor equipado ou o mais municiado. Pensa num irmão cheio de verdade, crente do seu trabalho, confiante na sua razão, seguro da sua bondade, conciente do seu direito, servo do seu dever, soberano do seu destino. Sua missão é uma fartura de promessas. Anda numa cruzada de idealismo, espalhando crenças, evocando padrões, difundindo doutrinas, congregando energias, combatendo desalentos, despertando consciências a debastar a pedra com que, juntando outras, gerações mais afortunadas construirão a Pátria dos nossos desejos. 46

Poucos terão estremecido tão forte e lúcidamente esta Pátria abençoada, êste Brasil que cantaria como:

“Terra virente, formosa, florida, opulenta, cheia de maravilhas, eu creio na tua grandeza porque sinto a imensidade dominadora de teus horizontes; creio na tua fôrça porque admiro a pujança altaneira de tuas florestas; creio no teu heroísmo porque acompanho o arranco temeroso de tuas montanhas; creio na tua bravura porque ouço o rugido selvagem de teus mares; creio na tua glória porque saúdo o luzeiro fulgurante de teu sol; creio na tua bondade porque fito o azul imaculado de teu céu; creio na tua fé porque compreendo o estrejamento misterioso de tuas noites; creio na tua beleza porque sôrvo o perfume macio de tuas flôres; creio na tua justiça porque vejo a fecundidade miraculosa de teu solo; creio no teu destino porque contemplo a harmonia luminosa de tuas alvoradas; creio na tua paz porque sonho com a melancólica suavidade de teus luarês; creio na tua eternidade porque afirmo o devotamento infinito de teus filhos.

“E porque creio, fervoroso, ardente, arrebatado, soldado do teu brio, legionário da tua honra, guarda do teu passado e servidor do teu futuro, ó terra do meu berço e da minha promessa, eu farei do meu trabalho a tua fartura, do meu pensamento o teu lustre, do meu amor a tua prosperidade, do meu ideal a tua onipotência e da minha vida a tua vida. Assim seja para a indestrutível fraternidade humana.” 47

Não a exaltaria, porém, apenas com a rara riqueza da sua eloqüência privilegiada; tôdas as suas ações, como tôda a sua vida, são uma contínua exaltação “do Brasil vasto e impessoal, magnífico e sereno, exuberante e acolhedor, rico e dadivoso, terra bendita de todos os credos, de tôdas as opiniões e de tôdas as diligências, terra misteriosa de tôdas as promissões, que há de subir aos fastígios pompeantes, onde só chega, no vôo infinito dos seus transportes, a alma sagrada de um povo capaz de pur-

purear a majestade de seu poder com o sangue de seus mártires." 48

Sua história, conhecia-a a fundo e de seus lances se serviria para lições de alta significação, "cumprindo os preceitos de um profundo programa de afirmação, de produtividade e de nacionalismo. Nacionalismo dentro da fraternidade, nacionalismo para e pela nação, com o esforço benfazejo de tôdos e nunca com o proveito privilegiado de alguns, nacionalismo que recebe, que incorpora, que assimila, que engrandece. Nacionalismo que abriga todos os desejos de viver pela patria próspera, mas repele o zelo egoístico de gozar a terra prestimosa. Nacionalismo que faz correr o calefrio patriótico quando pelo ar esturgem os acordes do hino da nação, que jura o fervor da intrepidez quando vê subindo ao bafejo dos mastros para o tope azul a bandeira do Brasil, desfraldando glórias e acenando paz; que delira no tumulto das consagrações, ao sentir a magnanimidade dos seus homens e a nobreza de seus fastos; que santifica os seus servidores, grandes pelo prodígio e maiores pela verdade; que se adorna com os atributos excepcionais que a raça deve copiar da natureza nesta formosura eterna de redenção, de liberdade e de luz, que se concentra para morrer na tarefa silenciosa e formidável de preparar a pátria generosa, hospitaleira e abundante, pátria das recordações, dos sofrimentos e das esperanças, pátria única e imensa, como única é a obrigação de a servir e imensa a honra de a estremecer." 49

De serviços à Pátria é um grande rol a sua grande vida. Fóra das fronteiras do país, exaltou-a de maneira singular, por várias vezes. Em 1926, depois de vitoriosa excursão científica pelo sul do País, ao lado de Miguel Couto, continua-a pelos países platinos onde, mais uma vez, conquista novos louros para seu nome e para o nome do Brasil. Não o levava, desta vez, missão oficial. São, porém, sem conta as homenagens que o mundo científico lhe vai prestar: membro honorário da Academia de Medicina de Buenos Aires, recebe uma consagração em que

fica evidenciado o valor que se atribue, no estrangeiro, à figura do chefe ilustre da escola obstétrica brasileira: o seu nome é dado a uma das salas de clínica obstétrica de Buenos Aires, serviço do professor Zarate. "Esta honra não vos pertence, Mestre, diria um dos seus alunos, nem à vossa Faculdade, nem a nós, vossos discípulos, mas ao patrimônio de uma nacionalidade, à nossa Pátria. (J. Camargo).

Não ficaria restrita ao continente americano a fama de Fernando Magalhães. E como, recém formado, fôra à Europa aprender, lá voltaria, em 1930, para ensinar. O Instituto Franco Brasileiro convida-o para falar em Paris sôbre a sua especialidade, principalmente sôbre as suas teorias próprias e suas técnicas originais, no campo da obstetrícia.

Não era um desconhecido nos meios científicos europeus: em 1928, o professor Couvelaire assim o apreciara: "Espírito superior, cuja cultura se estende a tudo quanto o espírito humano pode conhecer na natureza, Magalhães recebeu nascendo todos os dons e, no que respeita a obstetrícia, domina todas as questões."

Igual conceito lhe tributam as seus pares, através da palavra do maior de todos, Miguel Couto: "Assim como há idéias — fôrça, há também homens — fôrça, que se encarregam, pela sua ação, de torná-las vencedoras. Assim é Magalhães um dos maiores oradores, senão o maior da nossa Pátria: jamais ninguém o viu malbaratar a palavra, que lhe jorra dos lábios em torrentes luminosas, para sublimar a sua cátedra e para combater pela grandeza do Brasil que êle, mais do que ninguém, demonstra que, ou há de se assentar na cultura do povo, ou não existir. Se êle não fôsse o grande professor que é, seria o missionário das grandes causas, de tôdas as causas belas e úteis da nossa terra."

O curso feito por Fernando Magalhães em Paris deveria exceder a tôdas as expectativas e despertar a mais viva curiosidade e o maior entusiasmo dos grandes espe-

cialistas na matéria em que versou. Seu nome enche as colunas dos jornais médicos francêses, trazendo apreciações firmadas pelos maiores mestres:

"Conhecia meu ilustre colega apenas de nome", escreve o grande Pinard, pois sua reputação é mundial. Sabia apenas, e de fonte segura, que esta reputação era das mais merecidas. Tendo tido a honra de vê-lo e ouvi-lo, pude constatar que tudo o que me tinham dito estava ainda aquém da verdade. Sua fisionomia atraente denota franqueza e vontade; sua eloqüência sempre sóbria conquistou rapidamente os corações e os espíritos. O assunto escolhido era particularmente delicado: ao desenvolvê-lo, mostrou-se historiador arguto e obstetra na plena acepção da palavra. Felicito muito sinceramente os parteiros brasileiros por terem um mestre como êsse que têm a felicidade de possuir."

Jean-Louis Faure, que o conhecera no Rio de Janeiro em plena ação, relata como as suas conferências impressionaram o auditório:

"E' preciso vê-lo, em pé, com sua alta estatura e sua fronte olímpica. Sua voz é forte e sonora — fala, sem pressa e sem esfôrço, num francês pitoresco e colorido onde, de quando em quando, sobresáe uma expressão latina que vem dar ao seu pensamento mais fôrça e mais precisão. Seu gesto é expressivo e poderoso e o trabalho do espírito transparece na animação do semblante e no fogo do olhar. Mas é na enunciação do seu pensamento que êle se revela inteiramente, com uma originalidade inegalável. Em têrmos de uma delicadeza admirável, cheios de fervor generoso, disse-nos cousas profundas e tocantes sôbre a fragilidade do pequenino ser que, no seio materno, perpetúa a raça imortal. E tudo com uma tal elevação de espírito e uma tal serenidade de idéias que Couvelaire ao terminar, resumiu a impressão dos ouvintes, dizendo que as palavras que Fernando Magalhães acabava de pronunciar eram como o Evangelho da Obstetrícia.

No meu serviço, foi um filósofo que, com frases inesperadas e idéias originais, arrancou, por várias vezes o aplauso da assistência. Nenhum de nós poderá esquecer esta visita e estas lições, nem a magnífica pujança d'êste cérebro, cheio do fogo da mais pura latinidade. Nenhum esquecerá êste homem que traz em si as mais nobres qualidades da raça que deu ao mundo os grandes heróis do mar, os descobridores das novas rotas, os exploradores vitoriosos do oceano sem fim e do mar sem limites. No primeiro plano d'êstes grandes homens julgo aquele que, pela primeira vez, concebeu o formidável projeto de fazer a volta do mundo e teve a magnífica coragem de empreendê-la — Fernão de Magalhães — cujo homônimo, nosso amigo Fernando Magalhães, tenha ou não nas veias algumas gotas de sangue do herói, é bem digno de continuar o nome."

Couvelaire, em cuja clínica dá aulas classificadas de "triunfais", também externa a sua admiração: :

"Uma esplêndida aparência, um nobre semblante iluminado por um olhar brilhante de inteligência e de bondade, uma atitude sempre simples e distinta, uma palavra clara e precisa servindo um pensamento que se sintetiza em fórmulas cheias de verdade, de sabedoria e de espírito — tal êste belo tipo da humanidade. E se é verdade que, para o progresso das gerações sucessivas é necessário que subam os homens sôbre os ombros dos cidadãos representativos que os precederam, posso dizer, sem medo de errar, que as gerações futuras dificilmente encontrarão ombros mais fortes e mais altos que os de Fernando Magalhães."

Da França, passa à Espanha e a Portugal, onde os mesmos triunfos o aguardam. Portugal especialmente, o Portugal do seu sangue e da sua gente, receberia de coração aberto e de alma transbordante aquele a quem agradeceria, pela palavra de Júlio Dantas, "não que fôsse amigo de Portugal, mas que o fôsse como só poucos, só raros o sabem ser; e que revestisse êsse sentimento de tanta ternura e de uma tão grande delicadeza de espírito,

e que tivesse, como naquele momento, as lágrimas nos olhos e Portugal no coração..." E' ainda Júlio Dantas que, ao recebê-lo na Academia de Ciências de Lisbôa, recordaria como os brasileiros se tinham lembrado, quando da sua estadia no Rio de Janeiro, de que êle "também era médico" e como Fernando Magalhães o saudara na Sociedade de Medicina::

"Estou a ver, como se fôsse hoje o orador de então, a sua figura enérgica, de uma elegância ao mesmo tempo flexuosa e forte, erguia-se ao meu lado, na mesa de presidência. Tinha a máscara expressiva de um romano, as atitudes firmes dos homens que nasceram para triunfar e para dominar. Nos seus cabelos — já passaram sete anos — não havia ainda os fios de prata que enobrecem hoje a sua bela cabeça. Todo êle respirava audácia, mocidade, vigor. E quando pronunciou as primeiras palavras, quando os braços se lhe abriram nesse prodigioso instinto de harmonia do gesto que é o segredo dos oradores de raça, quando começou a falar, a vibração da sua eloqüência comunicou-se instantâneamente ao auditório. Sentindo-me subjugado como todos, mais ainda do que todos os outros, porque a minha presença era o motivo da sua oração, esqueci-me de que êle falava de mim e juntei o meu aplauso entusiástico, o meu aplauso quase deselegante, ao de tôda a assistência que o vitoriava de pé.

"Como eu compreendí então, como eu compreendo, cada vez melhor, o rancor que a palavra inspira aos mudos, o ódio que a fôrça inspira aos impotentes. Lembra-se dessa noite, meu caro Fernando Magalhães? Pois bem, o médico obscuro que você tão eloqüentemente saüdou há sete anos, saüda-o hoje a si. Ao pensar que o destino me proporcionou o ensejo de pagar a minha dívida, eu pergunto, embaraçado, como aquele mercador veneziano da Renascença que teve, um dia, de obsequiar o Papa Leão X "Mas que presente hei de eu oferecer a um Médicis?"

E daquela tribuna célebre "onde subiu Latino Coelho, donde falou Pinheiro Chagas, onde se apoiaram as mãos

brancas e nobres de Antônio Cândido, daquela tribuna gloriosa que o esperava", falou Fernando Magalhães para a gente mais culta e a intelectualidade mais alta sôbre o que o Brasil deve a Portugal: dando "o recado que vos manda, por meu pensamento tímido, tôda uma ancestralidade, germinada nesta terra portuguesa, terra amorosa e florida, santa e melancólica, risonha e resignada, acolhedora e destemida, terra da energia e da aventura, do sonho e da saúde, do verso que reza e da prece que canta, das palavras graníticas e das pedras eloqüentes, dos homens de fé e dos guerreiros veneráveis, de um passado que cresce e de um presente que avança; terra de glória e de honra, terra de Portugal, dianteiro do velho mundo, erguido pela História à beira da Europa, para que, predestinado e feliz, avistasse primeiro, sob o gênio de sua fantasia, o novo Continente, onde semeou, com prodigalidade, os atributos da sua raça imortal.

"Do outro lado do Atlântico, agiganta-se o povo que gerastes, descobridor de paragens infinitas, modelador de gente decidida. Portugal, como nação alguma, bracejou hercúleamente pelo espaço, no ciclópico afan de completar a obra misteriosa e inacabada do criador dos mundos. O vasto torrão brasileiro foi o maior prêmio de uma audácia abençoada e de lá, no repique das gerações sucessivas, o tempo, no fulgar dos seus feitos, e o espaço, na grandeza das suas maravilhas, proclamam o que vos deve o Brasil do seu surto, do seu destino, da sua fôrça e da sua alma."

"O Brasil deve a Portugal a própria terra. Terra e água dão barro. Terra e sangue dão Pátria, e foi assim que nos fizestes."

"E com a raça coesa e com a língua única, garantistes um Brasil inteiro. Há mais ainda para abençoar esta unidade: há a religião que nos transmitistes. No velame das náus descobridoras, a cruz de Cristo incendiava de fé a rota das caravelas. Depois, na imensa viagem que o mar acalentava e o céu prometia, no silêncio de uma noite luminosa, o gageiro viu também no firmamento

o mesmo símbolo de redenção. E quando a posse da terra festejou a alegria dos navegantes, ainda a cruz fincada no solo encantado sombreou o torrão formoso e hospitaleiro, onde até as selvas se evangelizaram pela serenidade do apóstolo que soprou o ânimo divino no filho gigante do nobre Portugal. A terra, sua extensão, sua defesa, sua integridade, sua língua, sua fé, eis o que o Brasil deve a Portugal."

"O mesmo mar que nos banha, o mesmo vento que nos afaga mandam, de uma banda à outra, pensamentos, melancolia, aspirações e ideais comuns. Daqui vão os vossos feitos, as vossas tradições, os vossos desejos; de lá vêm os nossos arrojios, as nossas afirmações, os nossos orgulhos. Entre o ir e o vir, segue também a vossa gente, honrando lá o hábito da vida singela e pura, a conformidade austera e serena, gente que a míngua expatária mas que o trabalho recompensa, gente de onde eu sou e que, na hora em que me recebeis tão fraternalmente, eu sinto, cheio de piedosa recordação, ressuscitar dentro de mim mesmo, com ternura e garbo, como se aqui nascesse e português eu fôra." 50

Em uma das suas "Cartas de Lisbôa" para o "Jornal do Commercio", relata Joaquim Leitão:

"Desta inesquecível festa intelectual, majestosa na sua digna austeridade, ficou esta convicta certeza: nunca mais nenhum de nós subirá à tribuna acadêmica que não se lembre de que à série gloriosa das grandes figuras que dali tem orado, e que Julio Dantas evocou, há agora a acrescentar a figura de Fernando Magalhães."

Portugal diria com abundância do seu reconhecimento, concedendo-lhe o grau de doutor "honoris causa" pelas tradicionais Universidades de Coimbra e de Lisbôa e o Grande Oficialato da Ordem de Santiago, que vem se juntar à comenda da mesma Ordem e ao Grande Oficialato de Ordem da Instrução.

Mais do que tudo isso, porém, é a forte amizade que, cada vez mais, vem ligar Fernando Magalhães ao mundo

intelectual português, através das suas figuras mais representativas: Egas Moniz, Mendes Corrêa, Melo Breyner, Custódio Cabeça, Júlio Dantas, Costa Sacadura, e tantos outros.

De volta ao Brasil, devia encontrar o país entregue a intensa agitação política, à qual não poderia ficar alheio: "Três de outubro é o grito da opinião nacional que entrega as responsabilidades do governo aos conjurados da regeneração. Gente de todos os recantos, de tôdas as idades, de todos os mistéres. Uma arrancada civil para o ideal, cujo fragor longínquo bastou para abalar a cidade dos usurpadores. A emoção e a confiança confortaram as vigílias anciosas do dia do triunfo final, em que o júbilo popular estrondoso transbordou, pela cidade apoteótica, a esperança da salvação.

"Enfim, vencera o cidadão. No curto prazo de um século, mal acordado do sono colonial pelo repelão do Ipiranga, o Brasil experimentou o absolutismo, o constitucionalismo e o liberalismo, mas o princípio democrático, prometido na propaganda republicana, enfezou o sentimento cívico, revelando a falência do regime e reclamando a graça da revolução que amparasse o país no funesto declive da sua ruína. Cresceu o grito de socorro pela decadência democrática, apesar do anúncio de melhores dias e de porfiarem o verbalismo e a legalidade na hipocrisia de compor a vida nacional com as fórmulas da mistificação. O homem e o cidadão divorciaram-se, e como a liberdade fraqueara na missão de concordá-los, o despotismo apelou para a servidão que os costumes resolveram enobrecer. De súbito, foi a derrocada. Dos escombros, o patriotismo civil — que não crê na utopia platoniana — espera a elevação dos desígnios humanos que serão desamparados nos princípios, nas constituições, nas doutrinas jurídicas, nos códigos liberais, se não os animarem as cousas vivas, os altruismos criadores, as obediências soberanas, as verdades eternas.

"No extremo sul do país, brotou o espírito da revolução. Era a sua garantia. Desde a arrogância do Piratinim, aquela terra é a terra dos bravos, terra dos generais lendários, dos caudilhos piedosos, dos estadistas disciplinados. Terra nossa, estranha e nova, que não se arremete em montanhas para as nuvens, mas que se espraia e se aplaina para receber o beijo do céu. Terra do laço que estala como um raio e enreda como um sarmento. Terra da árvore lacrimosa que dá sombra e que dá sono. Terra dos horizontes sem fim, para onde galopa a aventura coriscante. Terra do passaro sentinela que grita uma vontade, riscando uma amplidão. Seja assim, igual ao panorama dessa terra, a visão do nosso destino." 51

Assim, ao comemorar-se o primeiro ano da Revolução vitoriosa, falaria Fernando Magalhães em nome do patriotismo civil, clamando ao finalizar: "E tu, honrado Chefe do Govêrno, sustenta o Brasil para que êle, como aza do teu rincão, arranque para o ideal bradando a sua fôrça." 52

Profundas transformações, em todos os setores, marcariam a era que a Revolução de 1930 inaugurara e, em muitas delas, teve Fernando Magalhães decidida atuação. A primeira seria dentro da própria Faculdade: por ato da Junta Governativa, em 28 de outubro de 1930, assumira interinamente a sua direção. Em 1931, assinada a Lei Universitária, na qual colaborara intensamente, o cargo de diretor passa a ser eletivo e por 28 votos, num conjunto de 30 professores, é indicado em lista tríplice e empossado definitivamente no cargo. Oito meses depois, em Junho de 1931, é eleito Reitor da Universidade.

A Universidade é um velho ideal que as circunstâncias, o prestígio pessoal, ao lado da amizade do Ministro Francisco Campos, vão-lhe permitir ver realizado, pela primeira vez no Brasil.

"À competência, à dedicação excepcional, ao zêlo e ao extremo patriotismo das comissões de que fez parte o ilustre patrício," escrever-lhe-ia Francisco Campos, "devo a rara satisfação de haver logrado, nesta data, apresentar

ao Magistrado Supremo da Nação os projetos de leis criando um sistema universitário brasileiro e remodelando os diversos cursos científicos, técnicos e artísticos nele integrados."

"As Universidades", diria em seu discurso de posse na Reitoria, "defendem a ordem nacional e científica contra a anarquia da crítica cortezã ou herética. O mundo assustado, gemendo pela sua decadência, suplica o conselho dos servidores do espírito. Nada adiantam os conchavos das desconfianças recíprocas, nem as violências dos rancores opostos. O conchavo político, a medida terrorista, a arma mortífera sustentam precariamente indivíduos transitórios, mas aniquilam inexoravelmente sociedades pacíficas. Do que se precisa, é do voto fiel de cada um, pela exatidão de todos os propósitos e pelo sacrifício de todos os desejos. O exemplo virá da comunidade dos que ensinam e educam, vivendo na pesquisa de uma verdade e morrendo na defeza de uma crença. Uma Universidade pode preparar sábios; não estará aí a sua opulência; grande será ela se conformar almas, almas generosas e brandas, onde se refaçam os que perdem o rumo da esperança, os que amarguram a rudeza da vida, os que compreendem a santidade do trabalho. Estas almas fortalecerão o Brasil, maravilhoso e estremecido que, para subir às fulgurações da sua glória, só espera o amor dos que o conduzem e a fidelidade dos que o servem." 53

Do assunto, afasta a pecha de exagerado idealismo que alguns lhe atribuem: — "Certamente não pretendo restaurar o velho molde universitário, criação disciplinar ou reacionária, nascida para a servidão tradicional ou para a rebeldia nova... Penso numa Universidade capaz de criar a consciência nacional que nos falta. Aqui, o problema é radicalmente diverso. Por tôda a parte, a consciência nacional constrói e ampara os centros universitários. No Brasil, em que a alma popular se transferiu inadvertida e insensivelmente do liberalismo de uma dinastia para o absolutismo crescente dos reis a prazo cur-

to, à Universidade compete o trabalho ciclópico de criar o cidadão. É mais fácil criar do que transformar o cidadão. Grande será já o serviço das gerações atuais, compenetradas de que nada valem, e certas de que a redenção de sua culpa está na formação da "melhor gente." 54

Preocupava-o cada vez mais vivamente este problema. Na sua cátedra de magnífico Reitor da Universidade ou na presidência da A. B. E., à qual voltaria por várias vezes, ou ainda da tribuna da Academia Brasileira, a questão educativa prendia-lhe constantemente a atenção e merecia o seu estudo apurado.

Entre as muitas leis com que o Govêrno Provisório inaugurara a nova era, uma havia de marcar profundamente nos meios educacionais: o país saia da política de neutralidade escolar consagrada pela Constituição de 1891 e instituía nas Escolas o ensino religioso facultativo. O ato provocara debates acirrados entre os educadores, onde dois grupos se demarcavam, francamente, firmando suas convicções doutrinárias. A luta que se travou devia chegar ao auge por ocasião da 4.^a Conferência Nacional de Educação, em Dezembro de 1931. "As divisões se acentuaram de tal maneira, relata Fernando Azevedo, "que não foi possível estabelecer uma zona de conciliação entre os dois grupos, a que o Govêrno Provisório e o Ministro da Educação confiaram a incumbência de definir os princípios de educação e a fórmula mais feliz em que se pudesse exprimir a política escolar da Educação." Dessa Conferência deveria sair o famoso "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", síntese das idéias de todos os que se opunham aos princípios católicos em matéria educacional.

Neste ambiente carregado e agitado de discussões extremadas, convoca a A. B. E. a 5.^a Conferência Nacional de Educação, reunida em Niterói em 1932. A cisão entre as duas correntes declara-se então abertamente e Fernando Magalhães, na presidência da Conferência, a ela renuncia na segunda sessão plenária, por não concordar com o plano da educação nacional, elaborado pelos mes-

mos autores do "Manifesto". Proclama assim, públicamente, os seus princípios conservadores e cristãos: caber-lhe-ia defender "que a educação dos vindouros deve ser a educação do sentimento. Essa educação do sentimento é a educação pelo exemplo, despertando uma crença firme com o propósito único de servir. Crença elevada e pura, crença que reprime o fanatismo, o fanatismo sectário e o fanatismo ideológico, o fanatismo que morre no êxtase, o fanatismo que mata na intransigência. Pela educação do sentimento, a pátria será uma comunhão de servidores e não uma comandita de interessados. Pátria dos que aprendem a crer antes de aprender a ler. Pátria que se nutriu da palavra do missionário, o primeiro mestre do povo brasileiro. Não cabe outro mister aos pregoeiros da educação nacional. Foi assim que o Brasil nasceu, e só assim chegará êle ao seu destino imortal." 55

Suas atitudes apontam-no, em 1931, para orador oficial da solenidade de inauguração da estátua de Cristo, erguida no Corcovado:

"No fundo azulado do horizonte, a cordilheira aponta o caminho da salvação: na muralha do oceano, abençoando o sofrimento, espalhando a esperança, decendo das nuvens para pastorear, o Cristo, comovendo os homens e iluminando a vida, dirá, pelo tempo sem fim, êsse sermão da montanha, que desperta no coração humano a sêde da verdade, a palpitação da ternura."

"Mais de 400 anos após o voto fervoroso dos descobridores, o Crucificado, ressurreto do seu suplício, sobe novamente à montanha e, na postura da compaixão, repete o Sermão das Beatitudes, para castigo dos poderosos e para consôlo dos fracos."

"Da planície florida e viçosa, homens confiantes e simples, olhai a montanha, a montanha da sabedoria, a montanha do Cristo, a montanha rochosa e firme. Sôbre ela construí agora o vosso destino, porque sôbre a rocha inabalável, desafiando as chuvas, as torrentes e os ventos,

o Justo edifica a sua casa, abrigo sereno das tristezas conformadas e das alegrias sinceras." 56

Os postulados católicos seriam ardorosamente defendidos, não apenas nas questões educativas, mas ainda quando, em 1934, voltam a ser discutidos pela Assembléia Constituinte. A essa Assembléia fôra levado Fernando Magalhães por um grupo de amigos. "Ninguém," diria êle, "menos apto a um estágio parlamentar do que eu. Por várias vezes, políticos de prestígio tentaram levar-me à representação nacional. Recusei sempre, embora de quando em quando com certa máguia. Em 1933, anunciadas as eleições para a Constituinte, José Eduardo de Macedo Soares deliberou colocar-me na chapa do Partido Popular Radical do Estado do Rio. Tentei fugir à imposição. Sôbre a minha esquivação caíu todo o vocabulário cívico da sedução política: acusaram-me de egoísmo impatriótico e acenaram-me com a circunstância única de deixar o meu nome ligado a um grande momento da história do país. Por fim concordei. Mas também restringi. Lido o programa do Partido, com ligeiro colaboração minha, prometi obediência a seus princípios, mas reclamei liberdade absoluta para tudo quanto não se prendesse ao pacto partidário. Mais tarde, em plena campanha eleitoral, solicitado a acompanhar uma caravana ilustre, ainda me escusei, e do seguinte modo:

"— Macedo — Há dias, penso em escrever-lhe esta carta. Você traçou, com razão, um programa de propaganda eleitoral indispensável. Não posso, porém, dele participar e, assim, não me compete a inclusão na chapa do Partido. Retire sem receio o meu nome das suas cogitações. Continuarei ao lado dos amigos, no lugar em que me puzerem, ao auxílio de todos. Sempre fui infenso à política: julgo-a prejudicial ao médico. Não posso provocar contratempos à minha profissão, nem abandoná-la. A minha ida, involuntária e a contragosto, à Constituinte,

tenho-a como um dever e igualmente como uma fatalidade. Pede-me você agora uma iniciativa que me daria a responsabilidade do próprio fracasso, não o eleitoral impossível, mas o profissional muito provável. Livre-me disso, por favor. E muito obrigado. (30 de março de 1933)."

"Os acontecimentos não me pouparam e, em novembro, achei-me sentado em uma das poltronas da antiga Câmara, intimidado de tanta gente desconhecida. Vaga impressão do inesperado. Enchendo as tribunas, a assistência tinha a indiferente curiosidade dos alheios ao ceremonial. Haviam decorrido três anos de silêncio legislativo e, para os da galeria, éramos todos menos uma promessa do que uma ameaça." 57

Os chamados "postulados católicos" agitaram a Constituinte desde as suas primeiras sessões, provocando logo a cisão dos partidos. Fernando Magalhães toma parte no debate "com a serenidade de quem paira, cristãmente, na fraternidade que todas as religiões ensinaram, para poder sentir o pensamento alheio e puro, venha êle de onde vier, seja qual for o concílio ou o conselho que o ditar, na esperança de fazê-lo com simplicidade, para que todos compreendam e saibam o quanto me vai nalma de profunda piedade pelos que, no meu entender, seguem o caminho do êrro. Não de permitir que eu fale um pouco fora do protocolo parlamentar, expressando-me com toda a sinceridade. Não falo nem política nem protocolarmente e, por isso, digo: admiro as profundas e notáveis inteligências, orfãs do espírito da idéia divina, que se julgam com capacidade, com envergadura, com substância, com estrutura para, sós, vencerem o mundo. Sinto diariamente necessidade de uma mão na minha mão, seja visível ou não; tenho, dentro do meu coração, ansiedade de saber o que há de vir. Olho para trás e vejo gerações sucessivas, que se não podiam perder, porque, si se perdessem, nós não existiríamos. Olho para a frente e vejo lugar para as novas gerações que nos vêm substituir. Sinto esta tendência humana razoável, merecedora da acolhida e da

proteção de todos, porque é justamente a situação de quem se debate na ânsia de compreender e de ver; de quem reconhece a sua insignificância e sabe bem que o corpo inanimado deixa de si alguma coisa acima de nós. E é por esse motivo que, sentindo, chorando e sofrendo as calamidades do Brasil, compreendendo a dificuldade que se entrevê no seu futuro, ameaçado de destruição, como ameaçados de destruição foram aqueles que tiveram depois de chorar nos muros sabáticos, afirmo ser preciso respeitar a crença de todos, sem imposições, que não existem, mas com simples condição facultativa. Quero simplesmente esclarecer os meus companheiros e a Assembléia Constituinte, para que não vejam em mim o homem capaz de estribar-se em intransigências, nem admitir imposições, o homem que tem não um passado ostensivo, mas um passado anônimo de liberalismo e rebeldia: E é justamente em nome desse passado de liberalismo e de rebeldia que peço aos nobres colegas consintam que a maioria da nação brasileira possa aprender, lado a lado, a religião católica da maioria do país, tão certo estou de que a idéia de Deus acabará unificando os pensamentos. Ninguém, por maior que seja a negação de sua crença, pode ter a "nostalgia do nada", mas cada qual precisa sentir a alegria da Eternidade." 58

Esse primeiro discurso fôra motivado pelas palavras de um deputado que havia rompido inesperadamente contra o ensino religioso, a assistência espiritual às tropas, e o casamento indissolúvel. Esta última questão, a do divórcio, ocuparia a Constituinte, encontrando em Fernando Magalhães o acérrimo e fundamentado opositor de todos os tempos. "Tememos", confessaria um dos seus contrários, "que a sua autoridade de obstetra possa contribuir para o sucesso do monstrengo clerical." Com essa autoridade, com efeito, demonstraria mais uma vez como o divórcio é contra a natureza. "A natureza exige a união dos dois procriadores enquanto durar o interêsse da prole. E nenhuma espécie animal escapa a essa lei. Esse é o princípio bio-

lógico imutável." Toma depois, por empréstimo, os conceitos jurídicos de três notabilidades modernas do Direito italiano:

"Em primeiro lugar, invoco Salandra, estadista e mestre, que declara estar "no próprio interesse do Estado conservar a família tal qual é, sobreposta ao arbítrio dos indivíduos, de que não deve depender a estabilidade do matrimônio o "seminarium reipublicae", e que também comenta não serem, no baralhar e rebaralhar das cartas no jogo da vida, os defensores de interesses individuais destinados a ganho certo no fim da luta. Igual pensamento é o de Cenni, filósofo do Direito. E o eminente Rocarini, partidário do divórcio, declara de forma precisa que, sob o ponto de vista do interesse social e coletivo, a indissolubilidade do casamento deve ser sempre a regra do direito comum." Diante do problema do divórcio, a solução única é a solução moral. E' impossível estribar o governo do mundo e a organização social no instinto que, dominador e irreprimido, constituirá uma sociedade de malfeitores, pois todos os demais instintos reclamarão a mesma liberdade que o instinto sexual indevidamente exige. Se os instintos inferiores, individuais, coagem-se dentro da lei civil e penal, como libertar o instinto superior e racial, que tem a suprema responsabilidade de perpetuar a espécie?" 59

A redação final do preâmbulo da Constituição provocara vivos debates contra a emenda que pretendia intercalar, após a identificação dos representantes do povo brasileiro, "o puríssimo e patriótico propósito de pôr a confiança em Deus ao se cogitar dos altos interesses nacionais." 60 Fernando Magalhães defende com ardor a emenda Mário Ramos:

"Traçando o estatuto fundamental, os legisladores da nova República elaboraram um preâmbulo que é uma invocação, uma promessa, mesmo um juramento, cuja segurança se equilibra apenas na verdade do regime democrático. Triste incompreensão. Se Deus é, para os eman-

cipados, uma hipótese, o que será para êles uma democracia? Os sociólogos, desavindos em princípios, dispensam doutrinas e abjuram a democracia. Os teólogos, robustos de meditação, acordes na fé, sentem cada vez mais a verdade divina. Onde ver a confiança? Num Deus que milênios consagram, ou numa democracia que cem anos destruíram? E onde encontrar o poderoso mentor capaz de confundir essa confiança guardada no coração de um povo, de braços alevantados em êxtase e em glorificações ao "Rex regium et Dominum dominantium?" Nas primeiras palavras do preâmbulo, está escrito enfaticamente: Nós, os representantes do Povo Brasileiro... Ora, êsse povo sempre se assinalou por divino fervor. 99 % dos seus filhos, nascidos anualmente na terra brasileira, ingressam pelo batismo na comunhão da Igreja Católica. Como, sem traição ao mandato, recusar a êsse povo o confôrto da confiança em Deus se, em nome dele e de seus sentimentos, deve ser decretada a lei básica que o acompanhará no rumo de sua grandeza?"

"Por tudo isso, "a confiança em Deus" deve ficar inscrita na lei máxima, alentando os dias tristes da nação. Quando em tórno do Brasil rondar a ameaça de sua desagregação ou o espectro de sua ruína, não lhe faltarão o ímpeto de bravura e a coragem no sacrifício, tal a esperança que clareia os cimos para onde se voltam as súplicas e as resignações. É a bemaventurança pinacular nimbada da luz divina. Deus símbolo. Símbolo de perfeição. E porventura, incrédulos e agnósticos, não achais que a perfeição deva inspirar o vosso pensamento? Mas como, se fugindo de Deus, fugís da perfeição? Como, se a história ensina que a incredulidade e ignorância mataram os povos apodrecidos de desordem? Povos sem virtude. Santificado, embora, o hebreu marchou para a maldição. Poderoso, o persa acabou no aniquilamento. Lúcido e culto, o heleno caíu no cativo. Forte e vencedor, o romano desapareceu na dissolução."

"Evoquemos o nosso passado. Panorama de bravuras. Arrancadas, esquadrões, espadas relâmpagos, soldados meteoros, laureis e triunfos, gênio e brutalidade das batalhas, ímpeto e alucinação dos assaltantes da morte, terror, gritos de vitória, estertores de desespera: tudo se levantou para defender o solo sagrado da Pátria. Mas o Brasil domina isso tudo porque braceja para as alturas... Surto edificante de personalidade humana. Calvários silenciosos — Heroismos anônimos, vidas que souberam morrer, homens consumidos nas agruras cruciantes e restaurados na piedade profunda. Tudo isso, magnífica irradiação das criaturas frágeis, não chega à força invencível dos mínimos, na prece balbuciada e tímida, no olhar maguado e ascético, selando, na apóstrofe eloqüente do predicador "a aliança divina e eterna" com o pensamento da Pátria na palavra dos sábios, com as glórias do povo, com o sonho da Pátria na imaginação dos poetas, com a alma da Pátria nas aras santas e nos lares abençoados."

"No coração do Brasil viveu e vive uma crença que palpita tanto na natureza arrebatada como no homem simples. Essa crença é um interminável suceder de esperanças, que não brotam nem da desilusão dos proscritos, nem da trama dos ambiciosos, nem da crueldade dos tiranos. Ela sai de uma alma coletiva, perpétua e imaculada, que confia nos mistérios do céu impenetrável, rútilo de sol e faiscante de escuridão. Nunca aos tetrarcas e aos fariseus, gente da cidade cortezã e licenciosa, na tragédia de suas doutrinas, renovadas, combatidas, inúteis, mentirosas, foi possível até hoje garantir uma ilusão de poder e de ventura que valesse a serenidade dominadora e humilde de uma grande fé." 61

A Assembléia Constituinte resultou numa grande vitória católica que alcançou, com exceção de uma, tôdas as suas pretensões. O Cardeal D. Leme reconheceria, em expressivo testemunho, o quanto para elas contribuíra Fernando Magalhães, com o seu talento e com a fôrça das suas convicções, salientando especialmente que "consti-

tuíu uma das mais altas afirmações de beleza artística e moral que tem honrado o Parlamento Brasileiro, o discurso pronunciado ao pleitear a inclusão do nome de Deus no preâmbulo do pacto constitucional, discurso que está inteiramente de acôrdo com o pensamento e o sentir da alma católica. Por mim, pelos Bispos, pelo Clero e pelo Brasil católico, queira receber os aplausos da nossa comovida gratidão.”

Não apenas nos dissídios “entre Deus e Cesar”, ⁶² como dizia, seria assinalada a passagem de Fernando Magalhães pelo Parlamento. Os debates constitucionais, na sua maioria, contaram com a sua colaboração esclarecida e firme. Também os assuntos educativos, que todavia não ocuparam logo os constituintes, tiveram vulto e ressonância através da sua palavra autorizada. A uniformização ortográfica é outra questão em tórno da qual se multiplicam os pontos de vista e onde a liderança de Fernando Magalhães também se faz sentir. Entrozam-se aí as suas atividades parlamentares e acadêmicas. Fôra, com efeito, na qualidade de presidente da Academia Brasileira de Letras que, em 1930, tinha cabido a Fernando Magalhães assinar o acôrdo ortográfico com a Academia de Ciências de Lisbôa.

Em 1931, o Governo Brasileiro determina, em lei, o uso obrigatório da ortografia resultante do acôrdo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisbôa. Mas, de todos os atos do Governo Provisório, foi êsse o único regeitado pela Assembléia, e a Constituição de 1934 foi “publicada na mesma ortografia usada na Constituição de 1891 e que fica adotada no País.” “Não vale a pena comentar o assunto,” escreveria Fernando Magalhães. “Em tórno da simplificação ortográfica formou-se na Constituinte um conlúio contra Portugal e contra a Academia. Técnicaamente, porém, a questão está dirimida. Por todo o Brasil os entendidos apoiam-na. Os que sabem são a favor; os que ignoram, são contra. Iludem-

se os que cantam vitória. A coação dos julgadores da ortografia foi manifesta. Vitória de Pirro." 63

O tempo dar-lhe-á razão plena: a ortografia unificada, trabalho em que tanto se empenhou, é hoje uma realidade legal e vitoriosa e a ela está para sempre ligado, nos anais da Academia Brasileira, como nas crônicas da língua luso brasileira, o nome de Fernando Magalhães.

Chegavam a seu termo, porém, as atividades da Assembléia Constituinte. Na sessão de 16 de julho de 1934, ao ser promulgada a Constituição, Fernando Magalhães formula um voto sincero:

"Que nunca mais a liberdade desapareça do Brasil! Não há discurso, não há palavra, por mais profunda e por mais eloqüente que possa parecer, capaz de dominar a imponência dêste instante, em que o Brasil ressurge de suas antigas liberdades e vem, perante o mundo civilizado, afirmar a sua cultura na Carta Magna que — digam o que quizerem — é um atestado de liberalismo." 64

Anunciava-se a transformação da Assembléia em Câmara ordinária. Fernando Magalhães não aceita a investidura que julga exceder das atribuições que lhe havia confiado o eleitorado fluminense. "Dentro de poucos dias", escreve êle ao líder da sua bancada, "terminará de direito o meu mandato de deputado à Assembléia Constituinte, cuja função cessa. Ora, não existindo mais Assembléia Constituinte, tão pouco existirão seus deputados. Dar outro nome aos representantes eleitos para o trabalho constitucional é, dentro da lógica, usurpar atribuições. Se a Assembléia vai ter outro nome e outros fins, os que dela fazem parte terão transformadas as suas prerrogativas, pois foram eleitos com incumbência diversa. Nestes termos, já preparei a minha comunicação de renúncia. Assim decidindo, dou também por extinta a minha significação política." 65

As ocupações parlamentares e profissionais — de que não descura, pois mesmo afastado da cátedra oficial pelo

mandato, continua dando cursos na Pro Matre — não impedem, nem perturbam, sua intensa atividade literária e acadêmica.

É fértil e variada a sua produção: Farinelli, inovador literário, os românticos liberais de 1830, as comemorações de Lope de Vega, José Bonifácio e Ledo, S. Francisco de Assis, o dia de Camões — outros tantos motivos para magníficas demonstrações de um talento multiforme, cuja plasticidade maravilhosa se impregnou sempre nos mais altos ideais.

Sempre julgou que, "grande monumento animado do melhor da intelectualidade brasileira, a Academia deve projetar-se para além da sua fama. Uma instituição como a nossa responde pela cultura da nação, longamente ameaçada de ignorância, ignorância da sua fôrça, do seu povo e do seu futuro. Clarinando o levante das energias, jurando a renúncia das prebendas e a fé nos princípios, a ninguém é lícito desertar a jornada da predicação e de exemplo para defender a alma brasileira, imensa e prodigiosa, como a terra em que palpita, com os mesmos mistérios, as mesmas arrogâncias, os mesmos deslumbramentos, assistida pelo desvelo das gerações, prontas a ampará-la na evolução do sofrimento, caminho da bemaventurança; pairando acima dos homens em obediência às doutrinas puras e às verdades santas; servida pela aristocracia pacífica da bondade no cumprimento de sagrado desígnio, que será a grandeza de uma época, a fortuna de um povo e a glória de um destino." 66

Três acadêmicos seriam por êle recebidos: Ramiz Galvão, Amoroso Lima e João Neves; um professor, um católico, um orador. Estranha a coincidência de conciliar o padrinho dos três a dignidade do professor, o fervor do católico e a força do orador...

Amoroso Lima sucede na Academia a Miguel Couto, e a evocação do Mestre mais uma vez oferece a Fernando Magalhães nova oportunidade para dizer da Medicina, como arte, como sacerdócio e como apostolado. "Medicina

social, mas não medicina administrativa. Fazer da medicina uma missão e jamais uma prebenda, um sistema de crenças e nunca um regimento de atribuições; uma categoria de benefícios e não uma condição de propina, um estatuto de catequese em lugar de um corrilho de interesses. Ditando os preceitos do aperfeiçoamento físico e moral, extinguindo moléstias crônicas e contagiosas, suprimindo os venenos sociais, a medicina moderna construirá a nação prestigiada e nova, isolando as fronteiras do país da imigração anti-eugênica, saneando o seu sólo achacado, desmaninhando os seus campos encharcados, purificando os seus homens doentes, agasalhando os seus filhos lastimosos, convertendo sua gente corrompida, cumprindo a seleção biológica temperada nas leis humanitárias, como convém a seu idealismo e a seu apostolado." 67

É um programa, ditado aos médicos de S. Paulo, ao inaugurar-lhes em 1932 o novo edifício da Faculdade: "Principalmente para preparar os legionários da cruzada patriótica é que se levantam os seminários da sabedoria, onde se criam os condutores da nacionalidade, instruídos no seu mistér e invencíveis na sua fé." 68

A grandeza de São Paulo e o magnífico esfôrço de seus filhos inspira-lhe, naquele momento, uma página imortal:

"Para uma grande missão a terra paulista é predestinada. A planície Piratininga foi o claustro de meditação onde o jesuita amadureceu na inspiração e na santidade, que lhe iluminaram o grande roteiro missionário e descobridor. A função histórica do paulista é o domínio do país ignorado. Contando incessantemente as façanhas das bandeiras lendárias, correm há três séculos as águas do Tieté, por onde o mameluco rumou o seu heroísmo, rolando depois pela caudal do Paraná na sedução dos Pampas, subindo o Paraguai magestoso e lento, enredando-se no labirinto líquido dos tributários do Paraíba, chegando às serranias do Oeste, conquistando a Estrada de São Francisco, transpondo o chapadão do Norte, como se desen-

volvesse braços tentaculares ,atirados da terra paulista para prender ,no mesmo amor extremado e eterno, as coxilhas épicas do Sul e as florestas titânicas da Amazônia."

— "São Paulo, milagroso rincão da fartura, com um arroio tímido lustrou a intrepidez de uma raça independente; com uma trindade humana compoz a estrutura conservadora de uma pátria única; com um magistério doutrinário animou a consciência jurídica de uma nação adollescente. São Paulo, santuário da nacionalidade romeira, miradouro das nossas grandezas! Daquí só se divisa o futuro da prosperidade, porque daqui, do fundo de um passado rútilo, rompe enfileirado o bando dos Anhangueras, clarinando a investida pela glória do Brasil unido. Nesta hora ninguem se destaca, porque todos avançam. E quando "aos beijos do sol sobrarem as colheitas", contar-se-á "na voz dos sinos, nas charruas, no esto das multidões, no tumultar das ruas," a epopéia de um povo, maior que a sua terra imensa, arrancando para o maravilhoso de onde só voltará senhor de seu triunfo, ainda que seja, como o gigante Fernão Dias, para sentir na agonia alvoroçada o orgulho da vitória." 69

E' a êsse S. Paulo, bravo e forte, que pede "a coragem e a renúncia dos que se devem empenhar na redenção do Brasil longínquo, deserto, melancólico e sofredor; o Brasil embrenhado e esquecido nas selvas, curtindo o perpétuo caminho das aventuras, contemplativo na incompreensão de suas riquezas ocultas, magnífico de solidão, resignado de opulência, misterioso de maravilhas, calcinado de luz; o Brasil manso, bom, intrépido, romântico, bravo como um peão, valoroso como um vaqueano, sentimental como um tropeiro, santo como um retirante; o Brasil tamoio, quilombola, guararape, garimpeiro, bandeirante, emboaba, incondidente, balaio, praieiro, farrapo, soldado, jangadeiro, liberal e revolucionário... 69

Assim lhe permitiu a sua extraordinária riqueza verbal fazer, na síntese de um período ,o retrospecto de toda a história da sua terra, dêsse Brasil ,cujo nome tanto de-

sejou fosse "inscrito por cada um dos seus filhos rutilantemente, letra por letra, aureolando cada letra de amor e de sacrifício, de modo que a primeira diga a "bravura" dos nossos heróis, a segunda a "resignação" do nosso povo, a terceira a "alegria" de nossos filhos, a seguinte a "sabedoria" dos nossos propósitos, depois a "inspiração" dos nossos homens e a última a "liberdade" de toda a gente!" 70

Ninguém, como êle, poderia ensinar a soletrar desta forma o nome da Pátria: toda a sua vida é uma afirmação serena de amor e de devotamento ao Brasil.

Era, assim, um professor completo que convencia com a palavra e pregava com o exemplo.

Nem as atividades acadêmicas, nem as digressões parlamentares fá-lo-iam jamais esquecer ou descuidar da dignidade da sua cátedra. Por ela e pela Faculdade de Medicina, guardaria sempre o mesmo enlevo fascinado da primeira mocidade: empolgam-no as questões regimentais e seu espírito combativo se empenha em vários debates administrativos da sua velha "Escola", à qual sempre deu o melhor de suas forças.

Com a "História da Faculdade de Medicina" que publica no seu centenário, em 1932, dera-lhe nova prova de sua dedicação exemplar: "Para tributar boa homenagem aos que, na centúria da nossa cultura médica, primaram pela sabedoria e pelo devotamento, nada como imitá-los. No exercício da função docente, hei de trazer a todo instante o meu espírito até êste recinto cheio de austeridades e de recordações, no firme propósito de merecer a inspiração daqueles mortos que tanto precisam viver no renome desta casa e no pensamento de seus servidores." 71

Em 1936, seus discípulos festejam-lhe os 25 anos de docência naquela tradicional Faculdade, que tanto serviu e tanto ilustrou. Seu jubileu professoral é comemorado com exuberância de respeito, de admiração e de carinho pelos numerosos alunos de sua Escola, "a Escola Obstétrica Brasileira, inquestionavelmente a Escola de Fernando Ma-

galhões. Começou-a muitos anos mesmo antes de assumir a direção da cátedra na Faculdade e pode-se dizer, ainda, que a iniciou contra a orientação da mesma cátedra. Pelos mestres que o precederam na cátedra, de pouco ou quase nada se vira enriquecida a literatura obstétrica: a todos eles se atribuiu menos de uma dezena de trabalhos especializados. Nenhum deles levou a influência de seu saber à imposição de idéias pessoais, de princípios inovadores, de reformas úteis, de métodos originais, de doutrinas sólidas que constituíssem o pedestal de uma escola nova, imorredoura, capaz de empolgar os estudiosos, manter-se e irradiar-se, levando além das fronteiras, através de oceanos, o prestígio das suas conquistas no vasto terreno da ciência. Isso conseguiu Fernando Magalhães. Orientador persistente e estimulador pertinaz, conseguiu também fazer de seus discípulos uma pleiade invulgar de obstetras notáveis, que se espalham hoje por todos os recantos do país, aplicando os seus ensinamentos na prática quotidiana da assistência à maternidade. A escola de Fernando Magalhães é o mais alto píncaro de glória a que pôde aspirar aquele que fez do magistério o seu ideal, uma escola que, por si só, pode ser considerada um galardão de honra de uma pátria inteira, uma escola, porém, que não ficou limitada à orientação de seus discípulos, mas que se irradiou e se impoz ao respeito, à admiração e à convicção dos mais altos centros da cultura médica estrangeira. Essa escola que, sem contestação, reformou e aperfeiçoou os capítulos mais delicados e importantes da ciência obstétrica, é o prêmio do saber abalitado, da dedicação sem falhas e do talento de elite de Fernando Magalhães, a quem as figuras de maior prestígio e relevo da obstetrícia mundial rendem um pleito de sincero entusiasmo.”

Assim saudaria Raphael Pardellas, amigo filial e discípulo dileto, o jubileu professoral de Fernando Magalhães, a quem se deve, proclama, por outro lado, Oliveira Mota, “o advento de uma obstetrícia renovadora, que intrépida-

mente espalhou pela estrada larga e luminosa das suas campanhas científicas os discípulos que disseminaram a sua escola e devem constituir a sua glória mais querida. "Escola da qual, mesmo os que desertam, ainda levam a bandeira," dirá Guilherme Serrano.

Escola que não foi, todavia, apenas de obstetrícia, mas o foi também de honra, de devotamento e de desin-teresse. "Tem a virtude de ensinar aos seus discípulos não só os conhecimentos técnicos de sua especialidade, mas uma série de outras cousas úteis e imprescindíveis, como o culto à honra, o amor à família, o respeito à autoridade bem constituída e o devotamento à Pátria. Sinto-me orgulhoso de ser seu discípulo e de ter tido a honra de ser seu interno." (Leão de Moura).

Poucos professores, dentro da Faculdade, terão tido como êle o sufrágio espontâneo e entusiasta da multidão dos discípulos: reunia a centelha do gênio à firmeza dos conhecimentos, a beleza do gesto à pureza do verbo. Orador, era-o mesmo dentro da simplicidade modelar de suas aulas, dentro da segurança incisiva e precisa das suas doutrinas, como tão bem o demonstra na "Síntese Obstétrica", talvez a maior das suas obras na especialidade. Não desconhece, todavia, como "os maldizentes andam à espreita: numa época de tartamudos, os oradores são maltratados. A moda é desprezar as regras de bem dizer. Onde fôra honra falar, hoje é recurso ler: os parlamentos reduzem à fome os taquígrafos, confidentes dos solecismos e das banalidades tribunícias. A incapacidade de expressão gera o azedume dos entaramelados, espécie de psitacídios que muito pensam, mas nada falam. Atiram-se, entretanto, de encontro aos que, humanamente, se exprimem com acêrto e com desembaraço, e chegam-se aos culminantes da oratória para denunciá-los como verbalistas, palavrosos, fôfos e nocivos. Nega-se a nossa História nesta aleivosia. O Parlamento, a cátedra, o Forum disputavam os melhores oradores, adestrados nas humanidades lustrais onde se desenvolveram os grandes políticos, os

grandes mestres, os grandes juristas, nascidos em plena cultura clássica, educados no estudo da boa linguagem, ridicularizada hoje pela atrevida desenvoltura da xenofobia agreste." 72

Da continuação das tradições gloriosas que evoca — Montezuma, Bernardo de Vasconcelos, Rebouças, Teófilo Otoni, José Bonifácio, o Moço, Silveira Martins, Pedro Moacir, já fôra penhor Fernando Magalhães na Constituinte de 1934.

Voltaria à tribuna parlamentar em 1937, numa substituição rápida, mas igualmente marcada pelas mesmas atitudes desassombradas do primeiro estágio.

Dissolvida a Câmara, retorna à sua cátedra, à sua clínica e à sua casa com o mesmo devotamento. Preocupam-no intensamente as questões nacionais de interesse vital para o país e a "Liga de Defesa Nacional", à qual Bilac deixára ligado o seu nome imortal, vai buscá-lo para presidir aos seus destinos, de tradicional utilidade para o Brasil.

Civis e militares congregam-se em tórno de suas iniciativas ardorosas e de suas palavras inflamadas do mais extremado, como também do mais esclarecido amor à sua terra. Em várias solenidades puramente militares é êle, um civil, o orador oficial. Assim o foi por várias vezes nas celebrações de Caxias "no dia 25 de Agosto, dia de São Luiz, rei de França, em que se entroniza outro Santo, São Luiz, tutelar do Brasil. Tropa e povo confraternizam e vão pelo mesmo destino. Vão à romaria em busca do milagre, consôlo das horas duvidosas. Votos de muita fé acertam na segurança da obrigação e no rumo da graça. E' a mística. Profundo sentimento de piedade patriótica."

"A romagem continua. Os romeiros cantam e rezam. No alto, o Santo ouve as preces e compreende os desesperos. E prega a lição da fidelidade. Fidelidade aos mortos que, como êle, souberam morrer. Fidelidade aos vivos que, como êle, souberam sofrer. Fidelidade singular, erecta, incorruptível. Fidelidade ao Brasil." 73

E também na inauguração do monumento aos heróis da Laguna, "no extremo da Praia Vermelha, recordativa e belicosa, onde de agora em diante palpita o espírito da nação. Neste pedaço novo da terra carioca, os clarins anunciam feitos de gerações sucessivas e privilegiadas, de onde saíram os nossos generais, destacados na guerra pelo destemor e na paz pelo civismo, gerações incubadas ao calor da palavra do mestre nunca desaparecido. Gerações de gente de todo préstimo, na direção dos negócios públicos e no exercício das atividades valorosas... Gerações de gente pontual nas horas aflitivas e forte nos dias pezosos... É sagrado, pois, o solo em que pisamos. Aqui descansarão ossadas reunidas para sustentar a magestade de uma grande glória. São relíquias. Possam elas realizar os milagres.

"Esta festa é antes de tudo, um compromisso. Semearam os antepassados o altruísmo, colheremos nós a tranqüilidade da devoção às cousas perfeitas. Devoção à verdadeira vida, que a lembrança dos trinta e cinco dias de desolação e de resistência renovará misericordiosamente entre os que se quizerem purificar à sombra daquela morada de bravos."

"Lição de advertência. O porte dos eleitos não se modifica na balbúrdia dos egoísmos. Cidadão é o que se disciplina nas transformações espirituais, em procura dos píncaros. Longe dêsse rumo, a decadência é inevitável. Valha-nos a redenção que está na obediência dos que primarem. Levanta-se, desta forma, o contraforte onde estacarão as doutrinas perversas e os propósitos escusos." 74

Contra doutrinas e propósitos semelhantes, tôda a vida de Fernando Magalhães é uma longa e eloqüente pregação, consolidada e enfeixada nas páginas luminosas da "Cartilha da Probidade." Escrevera-a em 1932, sentindo desde então o "Outono... Caem as folhas desmaia-das. Prenúncio da saúde. O tronco perderá a ramagem que foi verde. Hora melancólica, mas consoladora... E eu direi o que penso da vida..." 75

Disse-o nas mesmas "dez linhas em que coube a verdade divina:" 76

I — Viverás do amor dos que se foram para o amor dos que hão de vir.

II — Encontrarás a verdadeira alegria na utilidade da tua vida.

III — Honrarás a tua casa com a virtude do teu trabalho.

IV — Honrarás os que te agalzarem consolando os que te procurarem.

V — Praticarás a fé nos teus destinos para dominar a ambição dos teus desejos.

VI — Só pensarás naquilo que puderes clamar a toda gente.

VII — Afasta-te do caminho onde a benção materna não te puder acompanhar.

VIII — Serás rico se souberes repartir a tua prosperidade.

IX — Exultarás de bondade e de justiça pela grandeza do Brasil.

X — Não esquecerás nunca que o mesmo céu vela sôbre todos os povos." 77

É o evangelho da perfeição. Viveu-o o seu autor. E com muitas de suas frases pôde ser feito êste resumo da sua vida, pois que nesta realizou sempre o que com aquelas dizia.

"Como homem, compôs a sua existência entre duas sagradas inspirações: a sua casa e o seu ofício. Nesta criação, foi modelar: em casa, foi santo; na obrigação, foi sábio... 78

Sua vida, em cuja "utilidade encontrou a verdadeira alegria," 79 traçou-a pela letra de um credo edificante, "Um credo é um roteiro. Tens coração generoso e braço denodado: serve-te deles no bom combate, para não te degradar o tempo, arrancando-te as insígnias da digni-

dade. Crê no esforço que constrói pela convicção, no exemplo que converte pelo fervor, na palavra que fecunda e suaviza como os orvalhos benéficos, na tarefa que te eleva acima de todos, na lembrança eterna dos teus maiores, nas delícias da vida, na suavidade da morte, na justiça viril, na verdade triunfante, no lar austero, na pátria tranquila. Pastor de ti mesmo, na tua alma está o teu rebanho: não te preocupe outra capitania, porque o padrão das tuas virtudes íntimas comanda mais que o ímpeto das tuas ambições aguerridas." 80

Rememorando as suas virtudes, difícil será dizer qual, em Fernando Magalhães, terá sido o maior, o cérebro ou o coração, dêsse coração que extravasava em ternura imensa pela sua gente e que nunca deixou de levar o consolo a quem sofria, mesmo se êsse alguém já se houvesse anteriormente enfileirado entre os adversos e os contrários.

Com êsse coração, escolheu sua morada. Ali "foi brando, condescente e confortado e sentiu a seu lado a felicidade suave e caseira." 81

Veu tarde em sua vida a construção dessa casa que devia "compor à sua imagem e ali fazer morar o seu espírito." 82 Seu desprendimento e sua generosidade nunca lhe permitiram amearhar; apesar da clínica farta e remuneradora, sempre "transmitiu ao seu dinheiro a fidalguia da liberalidade" 83 e só foi rico "sabendo repartir a sua prosperidade." 84 Só em 1938, ao receber a pequena herança materna, tem a possibilidade de mandar construir a mansão patriarcal com que vinha sonhando há muito. Situa-a na montanha, entre as árvores, vendo em "tudo quanto cerca a casa um aviso abençoado: o céu que a janela deixa mirar é sempre uma esperança; a árvore, mesmo tímida, sempre uma promessa; o pássaro, que vôa altaneiro, caminho do infinito, sempre uma lição." 85

Casa grande e simples; "maiores são os adornos da simplicidade do que os da ostentação. Paredes brancas, nuas ou marcadas discretamente de uma lembrança ou de uma evocação, a imagem compassiva e a paisagem me-

nineira, mostram mais a limpeza singela e perfumada do que os muros panejados e ricos, onde o abandono empoeira recordações." 86

Casa cheia de livros: "Ler e pensar, eis os dois maiores deveres cívicos. Ler para recordar, pensar para conceber. Recordar o valor de tãda a gente que sofreu e venceu, e venceu porque sofreu com fé inquebrantável na vitória. Conceber êsse patrimônio de provações e de glórias que é a santidade dos túmulos dos pais dos nossos pais e também é a promessa irradiante da creatura graciosa e frágil, abrigada no regaço materno, que guarda dentro de si todo o passado e todo o futuro. Ler para aprender, pensar para atender: as conquistas democráticas firmaram o direito de falar, mas não ensinaram a qualidade de escutar. Quem lê obedece; quem pensa transige e, lendo e pensando, o homem aperfeiçoa-se e disciplina-se na submissão. Ler as grandes vidas, pensar nas ações beneméritas; ler os magnos princípios, pensar nas idéias exaltadas; ler os sofrimentos profundos e pensar nas suaves consolações; ler os episódios heróicos e pensar nos sacrifícios criadores; ler as palavras divinas e pensar nas cousas eternas." 87

Em 1940, instala-se na sua casa, cercado de todos os seus. O carinho infinito que sempre sentira pelos filhos exalta-se ainda mais no amor dos netos: "Os pequeninos são os desamparados. Antes de tudo é desamparado o corpo que anos tenros conformam e enrijam: demorados lhes serão a sensibilidade, a orientação e a firmeza. Depois o espírito: custarão a aprontar-se a vontade, a decisão, a argúcia. Os primeiros passos não sabem arredar-se do perigo, as primeiras inclinações não sabem desviar-se da desordem. Põe cuidado em tãda a parte: na casa onde há crianças, as camas tem grades, as escadas cancelas, os parapeitos altura. O mundo que te cabe organizar há de ser assim, descansado de precipícios. Põe coração em todo lugar: o caminho que se sobe não exaure por ser ínvio, mas por ser indefinido; planta ao fim de cada

rumo um ideal que valerá como um penacho florido a matizar o alto da montanha escarpada. Põe brandura em todo canto: a floresta não convida pela sua pujança, mas pela sua sombra; altos troncos desmontam, rompendo a harmonia das ramagens meãs e provocam a cólera dos raios. Os teus braços serão braços de árvores, pousada de passarinhos, agazalho de idílios novos e de descansos merecidos." 88

Assim o viram filhos e netos: grande, nobre, plácido e generoso "e na lembrança indelével de uma bondade perfeita, foi mansa a sua velhice venerável e acolhedora, porque pela sua vida passaram o calor, a doçura, o perfume e a claridade." 89

E ali, naquela casa, todos puderam ver "os dias de paz doméstica, o silêncio dos afetos unísonos, a simetria das vontades concordantes, a grandeza dos sentimentos recíprocos." 90 "Pais que se entendem, filhos que se agregam." 91 — E assim pensando, e assim realizando, fez do seu lar o abrigo feliz e farto, onde a proximidade estreita os afetos e a largueza garante a liberdade.

Anunciam-se os primeiros sintomas de moléstia: recebe-os com a surpresa de um gigante da floresta ao sentir-se ferido pelo machado do lenhador. E também com um inexplicável pudor da enfermidade, que procura ocultar até dos mais próximos. Não aceita a moléstia: insurge-se contra ela e continua nas mesmas atividades exaustivas, operando, trabalhando, produzindo, procurando vencer o mal com a mesma vontade teimosa com que vencer a vida.

"E' o final do dia, instante de meditação. A beira da noite, pelo espaço trocam-se luminosidades: há lascas de gema no céu macilento e gotas de estrela na herva serenada. A natureza retribui, dêste modo, o fim do trabalho quotidiano com a brandura do crepúsculo carinhoso. A vida humana segue os quadros da natureza maternal: ri na infância como uma matinada primaveril, chameja no

adolescência como um meio-dia de verão, confia na maturidade como uma tarde de outono..." 92

1.º de Janeiro de 1943. "Ano Novo, Ano Bom. Bom porque é novo. Quando êle envelhecer, na curta vida que conta por tão pouco, não será mais o ano bom. Ninguém evitará os seus máus dias..." 93 Não os evitou: colheu-o de surpresa o mal subitamente agravado.

"No mais cerrado da floresta há velhas árvores fidalgas, de copas pujantes e paternais. Um dia, qualquer dêsses gigantes da mata cái, castigado pelo sôpro da rajada. Derrubado e imenso, dorme sôbre a terra húmida, embalado ao zumbido dos insetos trépegos, êsse veterano da selva, consumido no desejo de subir e na glória de aco-lher. Ainda é grande, na floresta misteriosa, o tronco magnânimo, destinado a viver inerte e longamente da vida estranha que abazalhou, repontado de flor, recamado de verde. Na história da arvore abençoada, há uma revelação. A existencia perfeita não perde a formosura consoladora, embora deixe de pulsar o velho coração misericordioso que tangeu pela paz e pela fraternidade." 94

Um longo ano de sofrimento, de angústia moral. Torturava-o a inatividade forçada, doía-lhe "o grande corpo que as pernas já vacilavam em carregar..." 95

"De uma larga poltrona, vê escoarem-se longamente os seus dias iguais..." 96

Mas "o homem útil desconhece o pêso da existência e o pavor da hora derradeira: volta a sua idéia para a Harmonia e para a Perfeição..." 97

Dezembro de 1943 é o ocaso.

"Vão-se-lhe as fôrças: sombras da noite emparde-cendo o crepúsculo derradeiro." 98 Natal. Fora, o "Natal florido, repicado de sinos, perfumado de incensos, entoado de cânticos." 99 Dentro de casa, o Natal triste. Último Natal..., Outro Ano Novo que também não é Ano Bom.

10 de Janeiro de 1944. "Desaparecia da nossa vida estreita aquela larguíssima figura..." 100

E um coração amigo traduziu, entre lágrimas, a dor que sentiam todos:

"Com mágua intensa, acompanhei-te na angústia longa do final da vida...

Tu não morreste como os outros morrem...

Foste... e ainda voltaste para dizer-nos que a morte é boa e que o morrer não custa ao homem...

Vi-te partir, por vezes, e voltar — vinhas na ânsia de animar-me e aos teus dar esperanças novas.

Vieste em um instante fugaz para dizer-me o nome e, nos lábios, em derradeira expressão, esboçar um sorriso terno e eloqüente... Sorriso amigo que eu conhecia tanto — êsse, porém, valeu para mim um mundo — o melhor de todos, talvez por ser o último...

Depois... viveste pelo coração sòmente — que grande coração o teu!... em longas horas de bater fiel, vibrou, enquanto lhe restaram fôrças, buscando ainda te manter conosco.

Enquanto teve viva uma só fibra, pulsou por ti e para os teus amigos que não queriam deixar-te ir...

Dedicação?... calor?... afeto?... amor?... que importa? se disso tudo tanto déste em vida!

Se raro era o talento teu, talvez maior ainda o coração que o dominava. Foste de bondade um pródigo, e eu pude ter em ti, por trinta anos, o maior, o melhor e o mais querido amigo...

Tu foste sempre o que quiseste ser. Mas, sem querer, ainda foste mais: foste um exemplo!

Na tua arte e na ciência, superaste os mestres consagrados. A tua escola é imorredoura — perpétuo, nela viverás!... (Raphael Pardellas).

.....

""Caía melancòlicamente a tarde quando fomos restituir à terra um dos maiores benefícios que ela nos havia prodigalizado, êsse amigo fiel e tão seguro. A morte estampara-lhe no rosto uma infinita suavidade e na longa

contemplação da despedida, cada qual só pensava em reter o mais possível a sua feição suave: aqueles olhos fechados, mas com a aguda visão da bemaventurança; aquelas mãos paradas, em cruz, mas com fôrça para nos reunir e nos aperfeiçoar em tórno de sua memória bendita." 101

E porque "mortos não há, mortos não são os que nos deixam a sua pura recordação, os que nos entregam o seu legado precioso," 102 êste livro, "evocando-lhe a figura bondosa, recordando-lhe o espírito raro, sentindo-lhe a vida útil, chorando-lhe a morte dolorosa," 103 êste livro é, simplesmente, o livro da saúde.

NOTAS

Tôdas as citações sem nome de autor são extraídas dos trabalhos de Fernando Magalhães, de acôrdo com as indicações abaixo :

1. Cartilha da Probidade
2. Cartilha da Probidade
3. Comemoração do 12.^o aniversário do falecimento de Francisco Alves (Academia Brasileira) — Discursos — 3.^a série.
4. Idem
5. Idem
6. Idem
7. Conferência no Círculo do Magistério Superior — Os Mestres do meu tempo — Discursos — 3.^a série
8. Idem
9. Conferência aos Estudantes de Medicina em S. Paulo sôbre A Vocação Profissional — Discursos — 2.^a série
10. Idem
11. Idem
12. Idem
13. Idem
14. Conferência no Círculo do Magistério Superior — Discursos — 3.^a série
15. Idem
16. A Obstetrícia no Brasil
17. Idem
18. Cartilha da Probidade
19. Cartilha da Probidade
20. 1.^a aula de catedrático (inédito)
21. Defesa médico legal de J. Gomes Neto — Discursos — 1.^o volume
22. Idem

23. 1.^a aula de catedrático — 1922 (inédito)
24. Idem
25. Idem
26. Cartilha da Probidade
27. Centenário da Faculdade de Medicina
28. Idem
29. Conferência na Associação Brasileira de Estudantes — Discursos — 1.^a série
30. Conferência no Congresso Nacional de Higiene — Discursos — 2.^a série
31. Idem
32. Homenagem ao Senador Alfredo Ellis — Discursos — 3.^a série
33. Conferência no Congresso Nacional de Higiene — Discursos — 2.^a série
34. A Obstetrícia no Brasil
35. Idem
36. Posse da cadeira de clínica obstétrica (1922) — Discursos — 2.^a série
37. 1.^a aula de catedrático (inédito)
38. Posse da cadeira de clínica obstétrica — Discursos — 2.^a série
39. Posse da Presidência da Sociedade de Medicina e Cirurgia (1922) — Discursos — 2.^a série
40. Idem
41. 1.^a aula de catedrático — 1922 (inédito)
42. Posse da cadeira de clínica obstétrica — Discursos — 2.^a série
43. Cartilha da Probidade
44. Posse na Associação Brasileira — 1926 — Discursos — 3.^a série
45. S. Francisco de Assis o Revolucionário — Academia Brasileira — 1927 — Discursos — 3.^a série
46. Saüdação a Miguel Couto na A. B. E. — Discursos — 3.^a série
47. Comemoração do Centenário da Independência no Hospital Pro Matre — Discursos — 3.^a série
48. Comemoração do 7 de Setembro no Rotary Club — 1924 — Discursos — 3.^a série
49. Idem
50. Na Academia de Ciências de Lisboa — 1930 — Rev. da Academia Brasileira

51. No Teatro Municipal — Comemoração do 3 de Outubro de 1930 (J. do Comércio)
52. Idem
53. Posse na Reitoria da Universidade (inédito)
54. Idem
55. Inauguração da 4.^a Conferência Nacional de Educação — 1931 (J. do Comércio)
56. Inauguração da Estátua de Cristo no Corcovado — 1931 — Rev. da Academia Brasileira
57. Na Constituinte de 1934
58. Idem
59. Idem
60. Idem
61. Idem
62. Idem
63. Idem
64. Idem
65. Idem
66. Posse da Pres. da Academia — 1931 — Rev. da Ac. Brasileira
67. Inauguração da Faculdade de Medicina de S. Paulo — Rev. da Ac. Brasileira
68. Idem
69. Idem
70. Idem
71. Posse da cadeira de clínica obstétrica — Fac. de Medicina — Discursos — 3.^a série
72. Posse do Sr. João Neves na Ac. Brasileira — Revista da Ac. Brasileira
73. Comemoração de Caxias (J. do Comércio)
74. Inauguração do monumento aos Heróis da Laguna (J. do Comércio)
75. Cartilha da Probidade (Prefácio)
76. Cartilha da Probidade
77. Cartilha da Probidade
78. Elogio fúnebre de Miguel Couto — Academia Brasileira — Rev. da Academia
79. Cartilha da Probidade
80. Cartilha da Probidade
81. Cartilha da Probidade
82. Cartilha da Probidade
83. Cartilha da Probidade
84. Cartilha da Probidade
85. Cartilha da Probidade
86. Cartilha da Probidade

87. Conferência na Sociedade Médica de Campos (1923) —
Discursos — 2.^a série
88. Cartilha da Probidade
89. Cartilha da Probidade
90. Cartilha da Probidade
91. Cartilha da Probidade
92. Cartilha da Probidade
93. Publicado no Diário Carioca
94. Cartilha da Probidade
95. Os mestres do meu tempo — Discursos — 3.^a série
96. Cartilha da Probidade
97. Cartilha da Probidade
98. Comemoração de Caxias (J. do Comércio)
99. Idem
100. Os mestres do meu tempo — Discursos — 3.^a série
101. Sessão fúnebre em homenagem ao Prof. Diogenes Sampaio
na Fac. de Medicina — 1919 — Discursos — 2.^a série
102. A morte de Miguel Couto — Na Constituinte de 1934.
103. Sessão fúnebre em homenagem ao professor Diógenes Sampaio — Discursos — 2.^a série.